



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# A INFLUÊNCIA DA DIMENSÃO RELIGIOSA (ISLÂMICA) NAS ESTRATÉGIAS DE SAÍDA DE JOVENS RADICALIZADOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

*Sofia Paiva Ponce Medeiros*

Porto, julho 2018



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# A INFLUÊNCIA DA DIMENSÃO RELIGIOSA (ISLÂMICA) NAS ESTRATÉGIAS DE SAÍDA DE JOVENS RADICALIZADOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

*Sofia Paiva Ponce Medeiros*

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Mariana Barbosa  
Mestre Raquel Lira

Porto, julho 2018

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer às minhas orientadoras, Doutora Mariana Barbosa e Mestre Raquel Lira, pelo apoio e paciência constantes. Obrigada pelas palavras de conforto e disponibilidade, pelos conselhos e pelos conhecimentos que partilharam comigo. Permitiram-me desenvolver esta investigação da melhor forma possível, ao mesmo tempo que me deram oportunidade de conhecer uma realidade diferente da minha, numa área da psicologia diferente daquela em que me especializei.

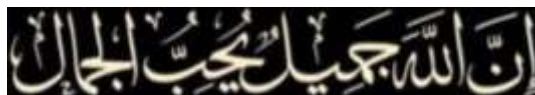
Aos meus pais, à minha irmã e ao resto da minha família um agradecimento muito grande pelo amor incondicional demonstrado ao longo de todo este processo. Obrigada por me ouvirem, por partilharem a vossa opinião comigo e por sempre me apoiarem.

À minha irmã do coração, obrigada por teres sido a minha maior inspiração no que a esta temática se refere e por estares sempre do meu lado, independentemente de tudo o resto.

Aos meus amigos um enorme obrigada pelo apoio demonstrado ao longo deste percurso, a vossa confiança em mim e nas minhas capacidades foi uma enorme motivação nos momentos de desânimo.

À comunidade islâmica agradeço a disponibilidade e a abertura demonstrada para abordar este tópico. As experiências e perspetivas partilhadas por vós foram essenciais na concretização deste estudo.

Obrigada.



*“God is all beautiful and likes beauty”*

*(INNA ALLAH AL-JAMIL WA YUHIB AL-JAMAL)*

- *Hadith (comentário) sobre a beleza atribuído ao profeta Muhammad*

# **A INFLUÊNCIA DA DIMENSÃO RELIGIOSA (ISLÂMICA) NAS ESTRATÉGIAS DE SAÍDA DE JOVENS RADICALIZADOS**

**Sofia Paiva Ponce Medeiros**

*Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal*

## **Resumo**

O terrorismo islâmico surge como um fenómeno recente e impactante na Europa, que neste momento procura evoluir nas suas práticas de desradicalização e dessensibilização. O objetivo geral desta investigação (inserida no projeto internacional MATES) é compreender a perceção de indivíduos muçulmanos sobre o fenómeno, de forma a contribuir para as estratégias de desradicalização dos jovens jihadistas, fomentando a sua integração social. O método reflete a metodologia qualitativa, enquadrando cinco participantes (dois representantes de Imã, uma mulher muçulmana, e dois ex-militantes); os dados foram recolhidos através de uma entrevista semiestruturada em profundidade e submetidos a análise de conteúdo, com suporte do software NVIVO 11®. Os resultados demonstram a dissociação estabelecida pelos participantes entre terrorismo e religião islâmica; estes referiram como principais causas para a radicalização: a exclusão social, sentimentos de desilusão para com o ocidente, e a má interpretação do Islão. Como principais estratégias de desradicalização foi enfatizado o combate à discriminação, o apoio na inclusão social e a transmissão de uma narrativa alternativa, com o envolvimento da comunidade islâmica. Concluindo, a comunidade islâmica está preocupada com este fenómeno e disposta a trabalhar no processo de desradicalização. É preciso continuar a desenvolver estes programas e envolver a comunidade islâmica nos mesmos.

*Palavras-chave:* Terrorismo, Religião Islâmica, Desradicalização, Jihadistas, Projeto MATES.

## **Abstract**

Islamic terrorism emerges as a recent and striking phenomenon in Europe, which at the moment seeks to evolve in its practices of de-radicalization and desensitization. The general objective of this research (inserted in the MATES international project) is to understand the perception of Muslim individuals about the phenomenon, in order to contribute to the strategies of de-radicalization of the young jihadists, fomenting their social integration. The method reflects the qualitative methodology, framing five participants (two representatives of Imam, one Muslim woman, and two ex-militants); the data were collected through an in-depth semi-structured interview and submitted to content analysis, supported by NVIVO 11® software. The results demonstrate the dissociation established by the participants between terrorism and the Islamic religion; the main causes of radicalization: social exclusion, feelings of disillusionment with the West, and misinterpretation of Islam. The main strategies for de-radicalization were the fight against discrimination, support for social inclusion and the narrative, with the involvement of the Islamic community. In conclusion, the Islamic community is concerned about this phenomenon and is willing to work on the de-radicalization process. We must continue to develop these programs and involve the Islamic community in them.

*Keywords:* Terrorism, Islamic Religion, De-radicalization, Jihadists, MATES Project.

## Índice

<b>Introdução</b> .....	7
<b>1. Estado da Arte</b> .....	8
1.1 <i>Terrorismo e Europa</i> .....	8
1.2 <i>Meios de Comunicação</i> .....	9
1.3 <i>Ativismo, Radicalização, Extremismo e Terrorismo</i> .....	10
1.4 <i>Processo de Radicalização</i> .....	11
1.5 <i>Ideologia Religiosa vs Radicalização</i> .....	13
1.6 <i>Programas de Desradicalização</i> .....	15
<b>2. Método</b> .....	17
2.1 <i>Participantes</i> .....	18
2.2 <i>Instrumentos</i> .....	19
2.3 <i>Procedimento de Recolha e Análise de Dados</i> .....	20
<b>3. Resultados</b> .....	22
3.1 <i>Descrição de categorias</i> .....	22
3.1.1 <i>Religião</i> .....	22
3.1.2 <i>Radicalização</i> .....	24
3.1.3 <i>Desradicalização</i> .....	26
<b>4. Discussão</b> .....	29
<b>5. Conclusão</b> .....	35
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	37
<b>ANEXOS</b> .....	44
<i>Anexo I – Quadro de Objetivos e Questões de Investigação</i> .....	45
<i>Anexo II – Guião de Entrevista</i> .....	47
<i>Anexo III – Consentimento Informado</i> .....	50
<i>Anexo IV – Sistema de Categorias</i> .....	51
<i>Anexo V – Descrição do Sistema Geral de Categorias</i> .....	55

## Introdução

A presente investigação integra um projeto internacional – MATES (Multi Agency Training Exit Strategies for Radicalized Youth) – cujo objetivo geral é dessensibilizar jovens radicalizados (desradicalização) e fomentar a sua integração social; procurando envolver, diretamente, jovens presos ou com um passado de radicalização (jihadistas), agentes prisionais, praticantes de primeira linha e autoridades da comunidade islâmica. Trata-se de um projeto coordenado pelo Istituto Psicoanalitico per le Ricerche Sociali (Itália), e que conta com as seguintes instituições parceiras: Universidade Católica Portuguesa (Portugal); Sapienza Università di Roma (Itália), Christlichen Jugenddorfwerk Deutschlands (Alemanha), Universidad Autónoma de Barcelona (Espanha), Almamater Europea (Eslovénia), e Tartu University (Estónia).

É importante considerar que a Europa está a enfrentar um enorme desafio perante a necessidade de contra-atacar o terrorismo e a radicalização. É notória uma evolução das políticas contra o terrorismo, ao desenvolverem-se programas, com o objetivo de desradicalizar e reintegrar radicais na sociedade procurando minimizar as hipóteses de violência no futuro (Dalgaard-Nielsen, 2013; RAN, 2016).

Esta investigação percebe-se como pertinente pela atualidade da questão e pelo aparente crescimento do fenómeno. A investigação irá incidir maioritariamente na relação da religião muçulmana com a problemática do terrorismo. O objetivo geral é compreender a perceção de sujeitos muçulmanos, indivíduos que integram e representam a comunidade islâmica, sobre a questão do terrorismo islâmico, de forma a contribuir para as estratégias de dessensibilização e desradicalização dos jovens jihadistas, fomentando a sua integração social, impedindo que estes apoiem o terrorismo.

Pretende-se gerar as condições necessárias para que os jovens jihadistas deixem os grupos radicais, utilizando técnicas como “contra narrativas”<sup>1\*</sup> e criando um ambiente social mais positivo, de forma a promover a reintegração social. O risco, da reintegração, passa pela inevitável exposição dos jovens a um novo recrutamento, diminuindo a eficácia do sistema preventivo – é necessário assegurar a cooperação destes jovens e oferecer informação fundamental de forma a contrariar o discurso e as estratégias radicais.

*“We have not defeated the idea. We do not even understand the idea.”*

*- Major General Michael K. Nagata (2014)\**

---

\*Comments by Major General Michael K. Nagata, then commander of American Special Forces Operations, regarding the war against so-called “Islamic State” (IS). Reported by the New York Times (28 December 2014)

## 1. Estado da Arte

### 1.1 Terrorismo e Europa

A Europa está, na atualidade, a enfrentar um enorme desafio perante a necessidade de contra-atacar o terrorismo e a radicalização. Esta necessidade nasce da emergência de um número crescente de jovens marginalizados, que constituem alvos privilegiados de recrutamento, na medida em que ficam mais suscetíveis à influência de grupos radicais (Dalgaard-Nielsen, 2013).

Segundo Dalgaard-Nielsen (2013), esta última década assistiu a um aumento gradual da prática de terrorismo, tendo sido possível compreender a ênfase precoce nos meios militares, no sentido de combater a ameaça do islamismo militante, e uma evolução das políticas de contra terrorismo, ao desenvolverem-se programas e intervenções, com o objetivo de desintegrar grupos terroristas e reduzir as reincidências entre os indivíduos condenados por terrorismo.

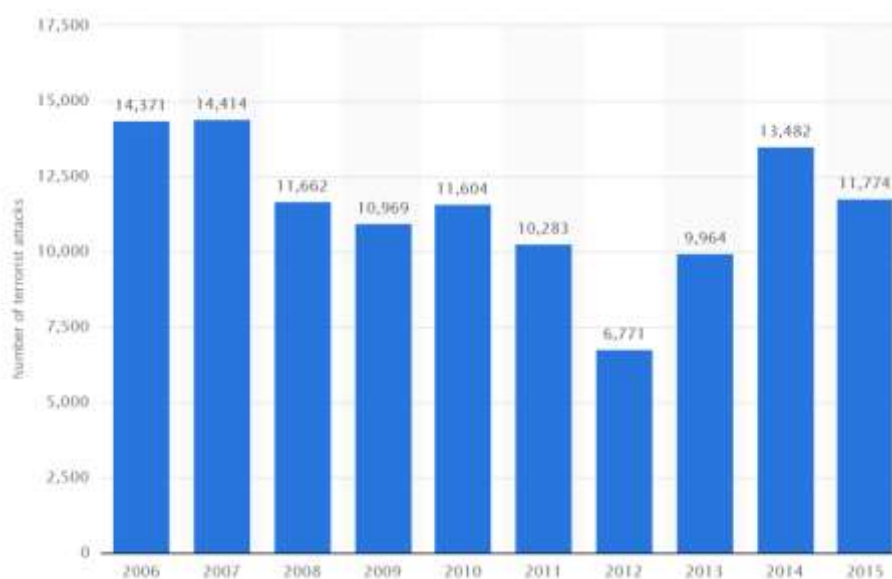


Figura 1: número de ataques terroristas no mundo entre 2006 e 2015 (Statista, The Statistics Portal)

---

1\* As narrativas são um gênero de discurso que pode ser analisado no seu formato e função – procuram conferir sentido sinalizando-o para os outros, ordenando as personagens no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos presentes e passados, demonstrando a evolução das personagens (Bamberg, 2004). O processo de mudança ocorre a par da reconstrução das narrativas, resultante da identificação e expansão de acontecimentos fora da influência da narrativa problemática que domina a vida da pessoa (Ribeiro, Gonçalves & Ribeiro, 2009).



Figura 2: número de suspeitos presos por terrorismo religioso de 2010 a 2014 (Europol, 2015)

Os dados demonstrados, representam o número de ataques terroristas realizados (no mundo – Figura 1) e aqueles que são inspirados por motivações religiosas (na Europa – Figura 2); estes ilustram bem o impacto da problemática. É esta fatia significativa do fenómeno “terrorismo” (ligada especificamente ao fundamentalismo islâmico, no terrorismo religioso) que se pretende focar. Estes dados são considerados alarmantes, apoiando assim, a pertinência da constituição de programas de intervenção e prevenção.

É também importante considerar que, na última década, as abordagens da União Europeia contra o terrorismo têm vindo a alterar-se e, hoje, a tendência é a de aumentar a cooperação internacional, dando destaque a programas que foquem a desradicalização (Feddes, 2015). Nestes programas, a grande questão prende-se com que dimensões abordar: se se deve ou não desafiar a ideologia extremista que leva ao ato violento, ou se o foco deverá ser mais social/emocional – a Europa, nos últimos anos, tem adotado abordagens mais holísticas, dependentes da avaliação realizada sobre os fatores que motivam esta ação de extremismo violento (Saltman & Smith, 2015).

### 1.2 Meios de Comunicação

Ao abordar estas questões, deve procurar-se não inferir sobre padrões de terrorismo a partir de um reduzido número de casos, ou construir categorias globais de identidade terrorista onde se agregam vários casos com diferentes motivações, organizações, recursos e contextos (Crenshaw, 2000).

Tendo em consideração o que é referido anteriormente é, por exemplo, necessário ter em atenção a influência que as notícias relatadas pelos *media* têm na construção destas categorias. De acordo com Sikorski, Schmuck, Matthes e Binder (2017), as notícias relatadas pelos *media* influenciam as perspetivas daqueles que as consomem. Por outro

lado, devemos ter em consideração que as organizações terroristas mais modernas dão prioridade à forma como podem aumentar o medo das audiências e aproveitam a cobertura realizada pelos meios de comunicação social ocidentais para facilitar e aumentar os seus esforços de espalhar o medo (Bates & Mooney, 2016).

### *1.3 Ativismo, Radicalização, Extremismo e Terrorismo*

Para uma melhor compreensão do fenómeno, é necessário perceber a distinção entre ativismo, radicalização, extremismo e terrorismo.

O ativismo está relacionado com o envolvimento do indivíduo em ações políticas legais e não violentas; sendo um fenómeno permitido por lei, não deve ser um foco nas intervenções de desradicalização (Moskalenko & McCauley, 2009). Uma das problemáticas implicadas é conseguir assegurar os direitos constitucionais da pessoa relativamente à liberdade de expressão, ao mesmo tempo que se reconhece a necessidade democrática das atividades políticas e religiosas, guiando opiniões, críticas e atividades para as conformidades legais da democracia (Bertelsen, 2015).

Já a radicalização pode ser definida como um processo que leva um indivíduo a aceitar, de forma gradual e crescente, o uso de violência ou outros meios ilegais para atingir determinados objetivos religiosos e/ou políticos (Agerschou, 2015). Através deste processo, a pessoa torna-se extremista (Pazoles, 2010) – mesmo que existam várias definições, as distinções mais relevantes prendem-se com o extremismo nas crenças, sentimentos e comportamentos, sendo que a radicalização do comportamento é a que representa maior preocupação (McCauley & Moskalenko, 2008). O radicalismo pode ser definido como a prontidão do indivíduo para se envolver em ações políticas violentas e ilegais (Moskalenko & McCauley, 2009).

Quanto ao extremismo, trata-se de um problema social grave, com consequências pesadas tanto para as vítimas como para os atores, e assume-se, portanto, que as decisões de integrar, ou não, um grupo extremista, são deliberadas e refletidas, baseadas no peso das considerações políticas, ideológicas, existenciais ou teológicas (Dalgaard-Nielsen, 2013). Quando nos referimos aos extremistas islâmicos é importante distinguir entre extremistas não violentos, aqueles que apoiam a construção de um Estado Islâmico, na teoria e na prática; e extremistas violentos, aqueles que justificam o uso de violência para alcançar essa construção (Pazoles, 2010).

Sistematizando estes conceitos, o ativismo surge como uma característica do indivíduo que está preparado para defender, de forma pacífica, as suas crenças. A

radicalização, por outro lado, é compreendida como um processo que, gradualmente, vai tornando o indivíduo mais propenso a ações violentas e ilegais. Deste modo, o sujeito pode tornar-se extremista, não procurando apenas defender as suas crenças, mas sim impô-las ao outro, a qualquer custo.

O terrorismo pode ser percebido como o uso de violência contra “alvos” civis (Moskalenko & McCauley, 2009), uma violência aparentemente aleatória com o objetivo de instalar o medo na população para atingir fins políticos (Pazoles, 2010). O terrorismo “moderno” pode ser dividido em duas categorias: apoiado pelo estado e não apoiado pelo estado (Maikovich, 2005). Os grupos extremistas violentos utilizam o terrorismo como forma de obter influência política, mas isto não significa que todos os grupos tenham objetivos igualmente precisos ou que a relação entre meios e fins seja clara para um observador externo (Crenshaw, 1981). Neste mesmo sentido, hoje, entende-se que é útil compreender o terrorismo como uma ferramenta, e não como um movimento, baseando-se na noção de que o terrorismo representa o uso de táticas indutoras de medo para atingir os seus objetivos (Kruglanski & Fishman, 2006). Segundo Crenshaw (1981), esta ferramenta afeta as atitudes do público, tendo como objetivo tanto a criação de simpatia nos possíveis recrutas, como a criação de medo e hostilidade numa população identificada como “inimiga” – estas duas funções estão interrelacionadas, uma vez que intimidar o inimigo impressiona tanto os simpatizantes como aqueles que não se identificam com os referidos ideais politico-ideológicos.

O terrorismo, como resultado de um processo social, é um fenómeno simbólico, cujo produto final é a construção cultural da identidade do indivíduo ou do grupo (Palano, 2014).

#### *1.4 Processo de Radicalização*

A utilização do terrorismo requer um sistema de crenças que apoie esta ação. Este sistema de crenças permite sustentar o terrorismo como instrumento para atingir os objetivos, e é moralmente justificável, compatível com a ética dos indivíduos – podendo ser baseado numa variedade de ideologias religiosas ou políticas (Kruglanski & Fishman, 2006). O sistema de crenças (formado a partir do ambiente político e social, tradições culturais, e dinâmicas internas do grupo) ajuda a determinar quais as estratégias a adotar e como é que os membros devem reagir a políticas governamentais (Hudson, 1999). Segundo Hudson (1999), as convicções dos membros podem parecer irracionais para a sociedade em geral, mas os terroristas podem atuar de uma forma racional no assumido

compromisso de agir de acordo com as suas convicções – percebem o mundo através de uma lente limitada pela própria ideologia, seja ela qual for.

Segundo Rogers e colaboradores (2007), o papel do fundamentalismo religioso, no terrorismo, pode ser percebido como um fator de manutenção que permanece ao longo do tempo; por outro lado, é improvável que o fundamentalismo funcione como causa única para o terrorismo, mas pode refletir outros aspetos da dinâmica do grupo/indivíduo. O fundamentalismo religioso permanece como um fator pouco compreendido, embora intrigante, no sentido em que contribui para a radicalização e varia muito nas suas causas (Rogers et al., 2007).

Segundo Borum (2010), as trajetórias e os motivos pelos quais os indivíduos integram grupos terroristas são bastante diversos. Pessoas diferentes relacionam-se com as ideologias e com os grupos violentos, por diferentes razões, em diferentes momentos (Borum, 2010). Para o indivíduo, o processo é normalmente enquadrado em fases de radicalização, integração no grupo e saída; para o grupo, o processo é semelhante, correspondendo ao recrutamento, mobilização e desmobilização – existem diferentes razões para integrar, permanecer e sair das organizações terroristas (Borum, 2010).

Os grupos terroristas, como por exemplo o auto denominado Estado Islâmico, têm a capacidade de utilizar uma narrativa que espelhe a honra e os deveres heroicos para recrutar jovens (muçulmanos ou não), difundindo esta narrativa através dos meios de comunicação social (Wain, 2015). Estes grupos têm sido ajudados, involuntariamente, pelos *media* ocidentais – existe um ciclo inerente à relação entre o auto denominado Estado Islâmico e os jornalistas: o auto denominado Estado Islâmico perpetua atos de terrorismo delineados de modo a irem ao encontro das necessidades (financeiras) dos jornalistas (de garantirem uma primeira página que choque), e, em retorno, o estado islâmico ganha exposição e legitimidade a um nível mais alargado (Wain, 2015). No sentido de recrutar e espalhar mensagens radicais, utilizam, também, as redes sociais (Awan, 2017). O estado islâmico transformou a Internet numa ferramenta de ataque, tão competente e eficiente quanto o pretendido, não hesitando em divulgar as ações violentas cometidas (Erdem & Bilge, 2017).

A teoria da dissonância cognitiva<sup>2\*</sup>, segundo Maikovich (2005), pode explicar, até certo ponto, a questão referida. Assim, tornar-se terrorista é um processo complexo e gradual, à medida que as forças inibidoras da dissonância cognitiva são reduzidas.

---

<sup>2\*</sup> A teoria da dissonância cognitiva centra-se na ideia de que se uma pessoa sabe várias coisas (pensa sobre comportamentos, sentimentos, opiniões) que não são psicologicamente consistentes (são dissonantes) vai procurar torná-las consistentes – é difícil mudar a cognição, diminuir a dissonância (Festinger, 1962).

Aquilo que diferencia os indivíduos que se tornam terroristas da grande maioria que não se torna, é a capacidade para reduzir esta dissonância antes dos atos de violência – a dissonância surge quando os indivíduos contemplan a utilização de violência apesar de, inicialmente, a rejeitarem como solução (Maikovich, 2005).

Segundo Maikovich (2005), muitos dos novos recrutas apoiam a causa da organização e apreciam a sensação de identidade e propósito, assim percebida por fazerem parte do grupo, sendo que não querem, realmente, cometer atos violentos. No entanto, com o tempo, tornam-se mais radicais e procuram ter um papel mais interventivo – as organizações terroristas são extremamente hierárquicas, estando estruturadas de forma a que os mais novos não tenham de cometer atos de violência imediatamente, sujeitando-os, porém, a condições que favorecem a radicalização (Maikovich, 2005).



Figura 3: Pirâmide representativa do fenômeno, segundo a teoria de McCauley (2006)

A base da pirâmide é constituída por aqueles que simpatizam com os objetivos que os terroristas dizem defender; os níveis mais altos da pirâmide vão diminuindo em número, mas aumentando em intensidade de sentimentos, crenças e comportamentos radicais; os terroristas do topo dependem das bases da pirâmide para obter apoio, informação e recursos (McCauley, 2006).

### *1.5 Ideologia Religiosa vs Radicalização*

Compreendendo a influência da ideologia na radicalização, é importante discernir como, e porque motivo, é que alguns indivíduos adotam estas crenças e comportamentos e não se tornam terroristas, enquanto outros adotam estas crenças e comportamentos e integram atividades e grupos terroristas, envolvendo-se em ações violentas (Borum, 2010).

A ideologia não é, por si só, suficiente para criar um terrorista, principalmente se compreendermos que nem todas as ideologias extremistas são violentas – o foco destas ideologias pode estar na promoção da causa ou na destruição daquelas que se opõem à

causa (Borum, 2010). Segundo Borum (2010), as ideologias que apoiam o terrorismo, ainda que diversas, aparentam servir algumas funções comuns: devem fornecer um conjunto de crenças que guiam e justificam uma série de mandatos comportamentais; estas devem ser invioláveis e inquestionáveis; os comportamentos devem ser dirigidos a um objetivo e vistos como servindo uma causa significativa.

A ideologia militante conta uma história sobre um mundo dividido entre “nós” e “eles”, onde “eles” são poderosos, maus e cruéis, e “nós” não temos outra escolha senão pegar em armas para nos defendermos (Dalgaard-Nielsen, 2013). Em qualquer discussão sobre esta temática, focando a ideologia, é praticamente garantido que seja mencionado o axioma “o que para alguém é um terrorista, para outra pessoa é um lutador pela liberdade” (Pazoles, 2010). Desta forma, deve ter-se como ponto de partida, que o conteúdo da narrativa radical enquadra dois pontos centrais: fazer algo com significado e glória em nome de um bem maior para um grupo em particular, contrabalançando-o com a mensagem de vergonha caso a pessoa não faça parte desse mesmo grupo (Jones, 2017).

Desta lógica estratégica pode deduzir-se que a propaganda utiliza mensagens dicotômicas poderosas, capazes de influenciar tanto a escolha racional (narrativas que focam a solução para a crise) como a escolha da identidade (narrativas que focam o conflito entre o grupo e os outros) – isto é potenciado ao empoderar as narrativas do grupo e das suas soluções encaradas como superiores, enfatizando o imperativo urgente de ajudar o primeiro a implementar as segundas (Ingram, 2016)<sup>1</sup>. A referida propaganda procura ser, ao proporcionar um sistema de significado, apresentada como uma perspectiva mais adequada do mundo (Ingram, 2016)<sup>2</sup>. Estes sistemas de significado tornam-se mais impactantes de acordo com o perfil do líder que adotam, sendo que as figuras carismáticas se tornam símbolos das suas mensagens (fator de credibilidade) (Ingram, 2016)<sup>2</sup>.

Desta forma, é relativamente fácil compreender que os fundamentalistas islâmicos se auto definam como símbolos do Islão – a identidade religiosa estabelece e determina o alcance das opções em aberto, não separando a vida privada da vida política (Monroe & Kreidie, 1997). Esta forma de perceber o fundamentalismo islâmico está relacionada com o conceito de Jihad. Segundo Cook (2015), este conceito, como qualquer outra palavra retirada do contexto religioso, implica uma história complexa e significativa – de uma forma convencional, pode ser traduzida como “guerra santa”, mas é, verdadeiramente, entendida como “esforço dedicado à religião”.

A emergência do terrorismo islâmico é um fenómeno relativamente novo no mundo ocidental, e, portanto, entende-se que seja difícil de compreender; contudo, pode-

se procurar explicar que alguns convertidos acreditam no papel utópico do Islão, da mesma forma que a classe média das décadas 60/70 acreditavam no papel utópico do marxismo/comunismo (Khosrokhavar, 2008). Segundo Khosrokhavar (2008), surgiram dois grupos no ocidente, a partir da classe média de muçulmanos (uma minoria na Europa): um que tem tudo a perder se a radicalização ocorrer e se espalharem mais imagens negativas sobre o Islão; e um grupo minoritário que opta pela radicalização, sendo que a sua principal motivação é a identificação com a ideologia radical.

Neste sentido, não deixa de ser interessante constatar uma nova faceta nos últimos atentados cometidos na Europa – considere-se o atentado de Londres no dia 15 de Setembro, abordado no artigo “Falha de bomba salva londrinos” (Cordeiro, 2017), no jornal Expresso. Segundo este autor, “tanto em Londres como em Paris o perfil dos ataques, a sua baixa intensidade tecnológica e o amadorismo dos executantes apontam mais para amadores inspirados pelo ideário jihadista do que para células estruturadas”. Isto faz-nos, em certa medida, suspeitar de um novo perfil do sujeito radical, obrigando-nos a encontrar novas pistas no que concerne à prevenção e intervenção no fenómeno.

### *1.6 Programas de Desradicalização*

As práticas antiterroristas dos governos ocidentais têm evoluído, principalmente no que se refere ao combate contra o terrorismo islâmico internacional – o foco restrito nas medidas militares e policiais foi substituído por uma conceção mais ampla, incluindo medidas preventivas que promovem o envolvimento da comunidade, assim como medidas de desradicalização e reabilitação (Dalgaard-Nielsen, 2013). Os programas europeus, no entanto, dão menor ênfase à ideologia, focando-se mais na assistência prática e económica, e na formação de novos laços sociais fora do grupo extremista (Dalgaard-Nielsen, 2013). Percebe-se que os diferentes programas de reintegração cobrem várias atividades: aconselhamento religioso e psicológico, treino de competências vocacionais, educação e atividades recreativas (RAN, 2016).

Finalmente, os recursos dedicados aos programas de desradicalização devem ter o objetivo de pôr um fim decisivo a qualquer forma de violência (Bertelsen, 2015). Assim, pretende-se colmatar a falta de medidas preventivas, baseadas na desradicalização e na integração que proporcionem fórmulas não violentas de resolver conflitos religiosos, políticos, éticos, etc. (Guardia, 2017). Um bom exemplo deste tipo de programas prende-se com o Danish Preventive Measures and De-radicalization Strategies: The Aarhus Model, o qual se baseia no modelo da psicologia da vida para explicar a radicalização e,

assim, planificar a desradicalização (Bertelsen, 2015). O propósito é identificar fatores de proteção importantes na construção de resiliência perante riscos de radicalização violenta, e empoderar a pessoa com capacidades gerais e fundamentais, de modo a atingir uma inclusão tolerante e mútua (Bertelsen, 2015).

Outros programas que representam bem a reintegração são, por exemplo: a Rede de Prevenção da Violência Alemã (Germany's Violence Prevention Network), que se aplica a jovens sujeitos a extremismo violento ou fundamentalismo religioso, tendo como principal objetivo a desradicalização, combinando a educação cívica e a formação pedagógica, com treino de não violência; e a Abordagem de Reintegração dos Países Baixos (The Netherlands' approach to reintegration), cujo grande objetivo é reduzir a hipótese de reincidência no extremismo e no terrorismo, através de processos de ressocialização e medidas de pós-cuidados (RAN, 2016).

Estas abordagens, por diferentes que se apresentem entre si, implicam sempre o seguinte: as convicções políticas e religiosas vão sendo acumuladas e têm um papel crucial na vida e na identidade das pessoas; então, os processos de saída e de desradicalização devem, necessariamente, ter em conta e incluir essas questões (Agerschou, 2015). Entende-se que, de facto, a religião e a ideologia são questões importantes a considerar durante o processo de desradicalização, o que pode diferir é a necessidade (mais ou menos extensa) de cada sujeito – a mudança pode ser estimulada ao oferecer alternativas não extremistas que ilustrem como o indivíduo religioso, ou com uma opinião “forte”, pode fazer parte de uma sociedade democrática (RAN EXIT, 2016).

Assim, a meta deste estudo é compreender a perceção de sujeitos muçulmanos, indivíduos que integram e representam a comunidade islâmica, sobre a questão do terrorismo islâmico, e de que forma podem, também eles, contribuir para as estratégias de dessensibilização e desradicalização dos jovens jihadistas.

Especificamente, pretende-se compreender a perceção destes relativamente a três questões fulcrais: a razão pela qual um muçulmano se torna radical/terrorista; de que forma a componente ideológica está envolvida na radicalização e desradicalização; e o que poderia ser útil abordar no processo de desradicalização. Esta perceção permitirá encarar o fenómeno a partir do seu interior ideológico, facilitando a integração social destes indivíduos, e impedindo o engrossar das fileiras terroristas.

## 2. Método

Os programas de desradicalização apresentam alguns obstáculos na forma como são construídos, principalmente por não explorarem a questão ideológica quando abordamos o fenómeno do “terrorismo islâmico”. Este estudo empírico permite uma reflexão aprofundada sobre o fenómeno, partindo das perspetivas de indivíduos pertencentes à comunidade islâmica. Pretende-se contribuir para os programas de desradicalização de jovens jihadistas, tendo como objetivo geral: compreender a perceção dos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), sobre a questão do terrorismo islâmico, de forma a contribuir para as estratégias de dessensibilização e desradicalização dos jovens jihadistas, fomentando a sua integração social, impedindo que estes apoiem o terrorismo. Na sequência do objetivo referido surgem questões a explorar, partindo da questão central: “De que forma é que os indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes) percecionam a problemática do terrorismo islâmico?”; até às diferentes questões de investigação:

- Quais as perceções dos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), relativamente à razão pela qual um muçulmano se torna radical?
- Como é perspetivada, pelos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), a componente ideológica no processo de radicalização para atos terroristas?
- Quais as perceções dos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), relativamente a estratégias a utilizar no processo de desradicalização de jovens jihadistas?
- Quais as perceções dos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), relativamente à forma como se poderia utilizar a religião, no sentido de desradicalizar os jovens jihadistas?
- Como é perspetivada, pelos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), a dissociação do conceito de terrorismo da ideologia islâmica?

Perante o objetivo do estudo e as questões de que se parte (Anexo I), e no sentido de se conseguirem atingir as metas propostas, optou-se por uma abordagem qualitativa, próxima de uma abordagem fenomenológica, considerando a experiência subjetiva como fonte de conhecimento, identificando as componentes essenciais do fenómeno (Pietkiewicz & Smith, 2014). Esta abordagem é considerada um método de pesquisa

válido, cujos dados, ao invés de números, são frases (Taylor, 2005). Estes dados são explorados de forma aprofundada, classificados e categorizados, procurando construir narrativas descrevendo o fenómeno estudado com grande detalhe (Taylor, 2005).

Este estudo pretende obter as perspetivas e os significados múltiplos que os participantes atribuem a uma problemática específica, sendo que esta se percebe como um tópico que precisa ser explorado – procurando obter uma compreensão complexa, esclarecendo processos experienciados, tendo em conta o contexto, aprofundando pensamentos e comportamentos (Creswell & Poth, 2017). Assim, procura-se identificar dimensões emergentes dos discursos dos sujeitos que se afigurem como importantes para a compreensão do fenómeno, explorando os significados atribuídos ao mesmo, experienciados pelos próprios indivíduos, nos seus contextos naturais (Malterud, 2001).

### *2.1 Participantes*

Pretende-se atingir uma amostra que se classifique como representativa do fenómeno, através da amostragem teórica. O objetivo, através desta amostragem, é procurar aceder a experiências heterogéneas (Ritchie, Lewis & Elam, 2003).

O grupo de participantes é homogéneo no sentido em que todos são praticantes da religião islâmica; procurou-se incluir variabilidade através da nacionalidade dos participantes, do papel/função assumida na comunidade muçulmana, e na distinção radical e praticante – conseguindo assim diferentes posicionamentos.

A amostra em estudo é constituída por cinco participantes: dois homens adultos, representativos da comunidade islâmica, assessores e representantes do Imã – aqueles que orientam as pessoas de acordo com a mensagem do Profeta (Maomé), dirigindo as orações, aconselhando comportamentos, mais concretamente, regulando as ações dos crentes; dois homens adultos muçulmanos, considerados ex-militantes, e que se propõem a difundir a religião islâmica e a aconselhar os crentes – assumindo-se, portanto, como conhecedores desta mesma ideologia; e, por último, uma mulher adulta que se assume como praticante não radical da religião islâmica, obtendo, assim, uma perspetiva mais abrangente (Tabela 1).

<b>Participantes</b>	<b>Função</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Conversão</b>
Entrevistado 1 (E1)	Ex-militante	Masculino	X	Desde o nascimento
Entrevistado 2 (E2)	Ex-militante	Masculino	X	Desde o nascimento
Entrevistado 3 (E3)	Praticante	Feminino	24	Desde o nascimento
Entrevistado 4 (E4)	Assessor Imã	Masculino	42	Há 9 anos
Entrevistado 5 (E5)	Assessor Imã	Masculino	69	Desde o nascimento

Tabela 1: Caracterização da amostra

Foi igualmente considerado um documento escrito (testemunho escrito – TE), de autoria de um dos participantes (E5), disponibilizado pelo próprio de forma espontânea, por se compreender que as informações disponibilizadas nesse documento complementavam a informação obtida através entrevista realizada.

Os critérios de inclusão e exclusão, para a participação neste estudo, destacam, principalmente, ser adulto e praticante da religião islâmica, tendo como preocupação central a acessibilidade e a disponibilidade da população-alvo (estratégia de amostragem por conveniência). Os participantes selecionados são considerados informantes fidedignos para o estudo, uma vez que possuem conhecimento teórico e prático sobre o fenómeno, assim, a amostra é intencional e representativa do fenómeno.

## 2.2 Instrumentos

Tendo em conta a metodologia a seguir, é necessário lembrar que qualquer componente do desenho de investigação pode precisar de ser reconsiderada durante o estudo, procurando dar resposta a novos desenvolvimentos noutras componentes do projeto (Maxwell, 2013). No sentido de se conseguirem aprofundar e responder às questões de investigação, surgem questões dirigidas aos entrevistados, constituindo-se assim um guião de entrevista, em profundidade, semiestruturado.

O guião de entrevista (Anexo II) criado para a recolha de dados, realizada de forma direta, abordou os seguintes tópicos: dados sociodemográficos e questões específicas do fenómeno (infância; vida religiosa e rotinas religiosas; percepção ideológica

da problemática do terrorismo; percepção ideológica sobre a utilização do Islão no recrutamento; percepção ideológica sobre a utilização do Islão no processo de desradicalização; principal mensagem transmitida pelo Islão). O guião está adaptado à população alvo, permitindo flexibilidade suficiente para o ajuste das questões perante nova informação e disponibilidade dos participantes. As entrevistas internacionais, realizadas de forma indireta, foram efetuadas pelas parcerias do projeto MATES.

Finalmente, as características deste instrumento percebem-se como sendo as mais ajustadas ao estudo em questão, principalmente pelo facto deste método revelar factos e conhecimentos sobre o fenómeno a ser investigado – no entanto, devemos ter em consideração que o estabelecimento da conversação e negociação de significado, durante o processo da entrevista, é sempre um desafio (Mojtahed, Nunes, Martins & Peng, 2014).

A entrevista semiestruturada é a mais adaptada para compreender as percepções e experiências das pessoas, uma vez que este instrumento permite ter temas e questões pré-planeadas, sendo que as linhas de investigação, seguidas durante a entrevista, procuram ir ao encontro dos temas inesperados que possam vir a surgir (Blandford, 2013).

### *2.3 Procedimento de Recolha e Análise de Dados*

A recolha de dados foi realizada através de entrevistas em profundidade, individuais, realizadas por um indivíduo conhecedor dos objetivos da entrevista, com as capacidades linguísticas e relacionais necessárias. Os participantes, independentemente da recolha ter sido direta ou indireta, foram abordados nos seus contextos específicos ou num espaço disponibilizado pelos investigadores.

Dois homens, representantes do Imã, e a mulher muçulmana, foram entrevistados de forma direta. Os indivíduos foram contactados pela investigadora principal do projeto no sentido de garantir a sua disponibilidade para contribuir para a investigação, neste primeiro contacto reviu-se com os indivíduos o objetivo principal do projeto, especificando o trabalho de dissociação pretendido. Previamente à entrevista, cada sujeito leu e assinou um documento de autorização e consentimento informado para efeitos de participação (Anexo III), no sentido de garantir a confidencialidade, anonimato e possibilidade de desistência; assegurar a transmissão dos objetivos do estudo e procedimentos; assim como a necessidade de se proceder à gravação áudio da entrevista.

Foram também recolhidas informações, de uma forma indireta, de dois sujeitos muçulmanos considerados radicais. Estes foram contactados pelos investigadores do projeto internacional MATES, através de parcerias do projeto, e entrevistados por um

jornalista especializado na área. As questões de confidencialidade e autorização foram garantidas.

Após se ter finalizado a recolha de dados procedeu-se à transcrição integral das entrevistas e à sua leitura detalhada. A análise de dados e o tratamento das informações, foi realizada com o programa NVIVO 11®, específico para a abordagem qualitativa, construindo categorias e subcategorias exaustivas. Este software de análise qualitativa permite a exploração do conteúdo com rigor científico e uma sistematização de dados mais explícita e organizada (Mozzato, Grzybovski & Teixeira, 2016).

Pretendendo-se construir uma matriz concetual de compreensão do fenómeno, a partir dos dados recolhidos, a categorização foi realizada com base no modelo da *Grounded Theory*. O investigador pode partir para a pesquisa sem um quadro teórico pré-definido, assim, as categorias foram construídas indutivamente, partindo da informação que se recolheu, e progressivamente alteradas ao longo do processo até à análise final, procurando atingir a saturação teórica com o objetivo de ir além da descrição do fenómeno, procurando descobrir uma teoria para um processo (Creswell & Poth, 2017).

Igualmente, entende-se que este método é o mais ajustado para estudar fenómenos pouco explorados cientificamente, e, portanto, a produção de conhecimento é baseada na recolha de dados junto dos indivíduos que se considera terem um conhecimento profundo sobre o fenómeno (Richards & Morse, 2013). Este procedimento permitiu identificar, desenvolver e relacionar conceitos que se tornaram base na construção da teoria – a meta ao criar e definir categorias é permitir um meio de descrever o fenómeno, aumentar a compreensão e gerar conhecimento sobre o mesmo (Cavanagh, 1997).

### 3. Resultados

A validade dos resultados resulta da adoção de um posicionamento claro, permitindo uma descrição detalhada de todo o processo de investigação, mantendo proximidade com o discurso dos participantes (citações exemplificativas). Outro critério assegurado foi a concordância entre investigadores, ao mesmo tempo que se recorreu ao método de comparação e revisão constante dos dados empíricos.

Assim, e finalizando o processo de análise dos dados, surgiram do discurso dos participantes três grandes temas: 1. Religião; 2. Radicalização; 3. Desradicalização. Estes temas dividiram-se em diversas categorias e subcategorias (Anexo IV), após uma análise integral dos dados (Anexo V). Iremos apresentar as categorias que mais contabilizaram para responder às questões de investigação, estando assinaladas a *bold* para facilitar a leitura dos resultados. Estas serão descritas de uma forma mais geral, para que, de seguida, seja possível a discussão à luz da literatura.

#### 3.1 Descrição de categorias

##### 3.1.1 Religião

*“Eu acho que na vida, enquanto ser humano (...) não digo que é difícil, mas a fé é como uma grande bengala na nossa vida” (E3)*

A temática “**religião**” pretendia compreender as diferentes perspetivas dos entrevistados sobre a religião, no sentido de dissociar a religião islâmica do ato terrorista/radical. As categorias que surgiram associadas a este tema são pontos chave na criação de uma possível contra narrativa.

Todos os participantes percorreram diferentes fases no que toca à religião islâmica, principalmente considerando que cinco participantes nasceram na comunidade islâmica e um converteu-se já em adulto. Ainda assim, dentro do **caminho percorrido** sobressaem duas subcategorias – a **iniciação** (N=3,Ref=10), pelo seu impacto positivo (*“E eu nunca mais me esqueço do primeiro momento em que eu me tornei muçulmano, no momento em que eu fiz a minha conversão, no dia, exatamente no dia em que fiz, eu senti mesmo fisicamente, nunca mais me esqueço disso, como se tivesse recebido uma espécie de uma proteção mesmo. Foi uma coisa tão forte do ponto de vista espiritual que eu nunca mais consegui esquecer”* – E4) e o **papel atual** (N=4,Ref=17), com foco na **divulgação da religião** (N=3,Ref=5) (*“É isso também que Deus nos pede que façamos, que possamos explicar às pessoas, que o Islão é o Islão do amor, do abraçar toda a gente,*

e portanto é isso que temos feito” – E4). Os entrevistados focam, também, a necessidade da **prática da religião** (N=6,Ref=11), no sentido de aplicar os princípios ideológicos (“*But application...the main thing here is application, when people want to apply in their lives what they have learned. And that is impossible. Stick to the basics: perform Hajj, do your prayers, fast the month of Ramadan, give Zakat if you are able to, and perform Hajj if you are able to. But you have your prayers, that is enough. It should be taken slowly*” – E1). Destes **princípios essenciais** (N=5,Ref=21) (“[...]principalmente a compreensão. O compreender a outra religião. O perdoar, perdoar verdadeiramente o outro, aceites o outro como tal. Porque a religião muçulmana sempre conseguiu conviver em paz com as outras religiões” – E3), reforçam os **cinco pilares** (N=3,Ref=8) (“*Os pilares, os cinco pilares obrigatórios*” – E4) e o conceito de **jihad** (N=3,Ref=10) (“[...] a explicação do conceito da jihad, jihad quer dizer esforço, é um esforço interno, digamos que é uma alteração, é uma modificação interior, do ponto de vista espiritual, que eu faço no sentido de estar mais próximo daquilo que é o caminho de Deus, isso é que é a jihad” – E4). Tendo em conta a temática explorada e o fenómeno abordado, surgem nas entrevistas **conceitos a esclarecer**, no sentido de serem compreendidos à luz da ideologia islâmica, como: **suicídio** (N=4,Ref=8) (“*O suicídio é uma das coisas mais proibidas pela religião, pelas três religiões do livro e ainda mais no próprio livro do Alcorão. Nós, quando alguém se suicida [...] essa pessoa não tem direito a um funeral, essa pessoa vai ser enterrada como se fosse um pária, um que não tenha religião, ou qualquer coisa, portanto, só para ver o que é que para nós significa o suicídio.*” – E5); **inocentes** (N=2,Ref=6) (“*Innocent are all those people who don’t engage in fights against Muslims*” – E2); e **mártir** (N=2,Ref=6) (“*But you have to know who dies and what for. He has to be a Muslim, and he has to know what he is dying for. You can’t kill innocent people and be considered a martyr*” – E2).

Apercebe-se igualmente a necessidade de **dissociação** (N=6,Ref=37), entre terrorismo e religião islâmica, refletida na narrativa dos participante (“*If this was found in any religion, none of them would allow it. Islam especially, which I belong to. So this things don’t exist in Islam*” – E1). Entre diferentes explicações sobressaem duas subcategorias: o **papel da política** enquanto fator negativo (N=4,Ref=6) (“*A religião foi e continua a ser utilizada para justificar a supremacia e o poder. A inquisição e as cruzadas deixaram marcas*” – TE); e ser **contranatura** (N=4,Ref=6) (“*Who will convince me that someone has the right to sit in a car and just drive into us and run us over? Maybe*

*to kill me... Understand? And to say that God allows that, that it's a natural thing... Please stop. It's unnatural*" – E1), como justificação para a dissociação.

Conclui-se que, de facto, o indivíduo muçulmano tem um papel na divulgação da religião mas que este não deve ser impositivo, uma vez que esta não imposição está descrita naqueles que são os princípios fundamentais da religião islâmica. Salienta-se o esforço dos participantes em dissociar a religião islâmica do ato radical/terrorista.

### 3.1.2 Radicalização

*"Unnatural, it's not...it's a maniac approach to things."* (E1)

Com esta dimensão pretendeu-se entender como os participantes compreendem a radicalização. As categorias e subcategorias que surgem relacionadas com esta dimensão apresentam justificações para a radicalização, importantes para a abordagem da desradicalização.

A temática da radicalização é essencial neste estudo, dividindo-se em três grandes categorias: **causas**, **meios** e **consequências**. As principais **causas** identificadas pelos participantes, estão relacionadas com a **exclusão social** (N=4,Ref=8) (*"Or maybe because he feels he is cast out, he feels no one accepts him and so on. I think this has a lot to do with it. A man is expelled from the society and he comes and does something and says, I am an outcast, I will do something and I will hide behind the religion and let them think it's because of that"* – E1); com os **sentimentos de desilusão para com o ocidente** (N=3,Ref=5) (*"Look at Trump, the biggest terrorist that walks the Earth. He wants to ban Muslims to enter the USA. You love their money, but you won't let them in... You are a terrorist, you produce terrorism with your politics"* – E1); com a **má interpretação do Islão** (N=5,Ref=18) (*"[...] depois toda a mensagem que é utilizada é de um ideário paradisíaco. Portanto de um mundo melhor que este. De um mundo melhor que este mas que é construído muitas vezes a partir de violência extrema. Ou seja, a violência que muitas vezes é utilizada, ou digamos assim, o troco ou o pagamento que a pessoa tem de fazer, que é um ato violento em troca de alguma coisa. Esse instrumento que é utilizado é sempre um instrumento muito violento mas com o pretexto de que o objetivo que se vai conseguir mais à frente é um objetivo muito muito paradisíaco, muito ideal, e obviamente que isso, para quem vive um vazio, lá está, em que não vê nenhum horizonte, nenhuma motivação positiva encontra ali um foco"* – E4); e a **situação de guerra**, com foco na **Síria** (N=3,Ref=6) (*"We followed the news on television and the internet about what was*

*happening in Syria and some local boys decided to go there. As a man of religion, as a person who invites people to Islam, I wanted to see what was happening to Muslims. I came there and I saw the opposition was in disarray. I saw many things which I didn't like. It wasn't a clean fight and fights between opposition factions started"* – E2), nos **sentimentos de vingança** (N=2,Ref=11) (*"A man who loses everything looks at it through his eyes, especially someone who experienced his close ones being raped. This is humiliation. And then in the psych of these people anything can develop. And in the thinking of these people anything can happen so that they simply go, even if they too explode, if they get killed, they resort to the revenge"* – E2), e nos **sentimentos de revolta** (N=4,Ref=8) (*"Se tu te sentires ameaçado ou sentires que aquilo que eu estou a transmitir vai contra aquilo que tu acreditas...até porque muitas vezes eles utilizam a justificação de que 'eu só estou a fazer isso porque me sinto ameaçado', 'porque tu no passado já mataste alguém, alguma família minha que estava no outro lado que...', 'vocês são ocidentais, ocidentais/americanos, é que são responsáveis por aquilo que está a acontecer com a nossa gente, com o nosso povo, com a nossa religião'"* – E3).

Na **exclusão social**, o principal foco está na **discriminação e estigma** (N=4,Ref=10) (*"Why would this Serbian man or the Croatian man, Catholic, who lives two kilometers away bother me. They don't. And I don't mind the church bells, why then is he bothered by my mosque? And why is he bothered by my beard, when I don't mind his cross?"* – E2). Nos **sentimentos de desilusão para com o ocidente**, ganha maior impacto a **atitude preconceituosa** dos participantes para com o ocidente (N=2,Ref=5) (*"Because when you have people, fagots naked out in the streets, instead of... The basic unit of any society is family, with a mother and a father. A woman is made for...why choosing a man over a woman? Just don't tell me you are gay"* – E1); a percepção do **conceito de democracia** (N=3,Ref=11) (*"Portanto a democracia não foi feita, não foi feita, foi feita exclusivamente, não foi feita, vá lá, com cultura, com informação, foi feita exclusivamente."* – E5); e as **políticas bélicas** do ocidente (N=4,Ref=13) (*"Europe plays on two cards. First you go there, throw bombs on the people and then you accept them in your home like orphans and you want them to behave normally"* – E2).

Relativamente aos meios para a radicalização, abordam-se os **meios de comunicação social** (N=2,Ref=3) (*"Eu acho que a comunicação social no fundo quer chamar a nossa atenção. Portanto com isso quer dizer que nem sempre contam a história como ela realmente é"* – E3), principalmente pelo seu papel na **propaganda** de mensagens que fomentam a radicalização (N=3,Ref=8) (*"We have to see how it developed*

*in the media. When they see this in the media, the boys see how these man are praised there in Syria. And they look up to them, they think they will be proud and walk in their steps*” – E1), e o impacto das **redes sociais** (N=3,Ref=4) (“*E portanto estando à parte dessa comunidade, e sendo as redes sociais um instrumento que entra na casa delas, aquelas pessoas que surgem com uma mensagem sedutora, acabam por ser, em todo esse espaço, esse panorama de um isolamento, acabam por ser a única, o único apoio que surge naquele momento*” – E4); o **processo de recrutamento** é abordado (N=3,Ref=17) (“*[...]são pessoas que, na minha perspetiva são manipuladas, porque na maior parte das vezes vivem num vazio existencial difícil de preencher, e por estarem numa situação de fragilidade humana e existencial são muito mais fáceis de capturar por esses movimentos que, com uma mensagem muitas vezes sedutora, ainda que completamente manipulada, seduzem essas pessoas para atos que são para nós completamente inaceitáveis*” – E4), sem distinções absolutas entre géneros, focando o fenómeno **no ocidente** (N=2,Ref=5) (“*Aqui é principalmente o facto de os jovens terem uma grande facilidade de mobilidade. É muito mais fácil*” – E3).

Como consequência identifica-se o **terrorismo** (N=5,Ref=15) (“*Terrorism means that we terrorize someone, we maltreat someone, that we are destabilizing the society, environment, region*” – E2), surgindo como subcategorias o papel dos **grupos terroristas** (N=3,Ref=3) (“*Acho que esses grupos terroristas que fazem essas coisas, no fundo... não têm objetivos grandes mas no fundo se nós tirarmos a religião, tirarmos esse conhecimento, o que é que eles são? Enquanto seres, que importância é que eles têm?*” – E3) e o **terrorismo islâmico** (N=5,Ref=9) (“*A destruição do Iraque e as consequências da chamada “primavera árabe”, deixaram várias brechas que estão a ser aproveitadas pelos terroristas que se intitulam muçulmanos, que matam todos os que não estão de acordo com as suas ideologias, utilizando o nome de Deus*” – TE).

Os dados referem como principal causa para a radicalização dimensões relacionadas com o ocidente, focadas na exclusão social e na dimensão emocional (tendencialmente negativo), reforçando o papel dos *media*. Por outro lado, foca-se a má interpretação do Islão como causa para a radicalização e meio de recrutamento.

### 3.1.3 Desradicalização

*“Let us all try working together so that these things, these phenomena will not appear.”*

(E1)

A este nível permitiu-se um espaço para compreender como os entrevistados entendem o processo de desradicalização e o que pode apoiar este processo. As categorias e subcategorias que surgem procuram demonstrar uma vertente mais prática no processo, considerando todos os intervenientes com um foco específico na dimensão ideológica.

O processo de desradicalização é percebido como necessário pelos participantes, sendo que estes identificam diversas **estratégias possíveis**. As que se apresentam como de maior valor prendem-se com: a **narrativa alternativa** (N=5,Ref=7) (“*O que pode levar a desradicalizar é alguém que lhe possa fazer a explicação do que é verdadeiramente a religião.*” – E5); o **diálogo** (N=3,Ref=7) (“[...] *we have to keep a dialogue. Without the dialogue... wars can end up with dialogue. Dialogue ends quarrels*” – E1); o **combate à discriminação** (N=4,Ref=10) (“*When you judge don’t judge the religion*” – E1); a **normalização das rotinas** (N=3,Ref=5) (“*People are coming out of it. They should try to return them back to their families, to have a normal life. They shouldn’t be stigmatized*” – E1), no que toca ao **acesso a emprego** (N=2,Ref=6) (“*You have to give him a job. You have to employ him in a company, so that he can busy his mind, take care of his wife and kids and work. The only way is to give him means to make a life, that he is not standing there with an empty mind*” – E1) e o **acesso à educação** (N=3,Ref=5) (“*Eu acho que o que está na origem, os elementos que estão na origem são os mesmos e isso só se combate com uma coisa, só se combate com mais conhecimento e mais educação*” – E4). É ainda perceptível a importância do **papel da comunidade islâmica** (N=3,Ref=5) (“*Portanto, ao mesmo tempo que nós observamos essa imagem errada, temos que em segundo plano nos disponibilizarmos para esclarecer as pessoas sobre aquilo que é o verdadeiro Islão, sobre a diferença daquilo que é o terrorismo e aquilo que são os muçulmanos*” – E4), principalmente na **interpretação do Alcorão** (N=3,Ref=8) (“*Interpreting Quran and Sunnah cannot be done without the Islamic Scholars, and without mastering the Arabic languages and grammar*” – E1); na sua **reação aos acontecimentos** (N=3,Ref=5) (“*Os muçulmanos que inspiram a paz e a convivência com todos os credos, também se sentem revoltados com estas barbaridades*” – TE); e enquanto **guias espirituais** (N=2,Ref=4) (“*And the second thing, spiritual mentors. That is our job.*” – E1).

Igualmente, os entrevistados são capazes de demonstrar possíveis **obstáculos** (N=2,Ref=2) (“[...] *Claro que isso não é fácil e demora muito tempo*” – E4), com maior ênfase na **incompreensão intercultural** (N=4,Ref=7) (“*But if you say to them that you want to deradicalize them, you have created a problem. Because you just told them that*

*they are living on a lie. They will immediately oppose you*” – E1); na **discriminação social** (N=3,Ref=8) (“[...] *There is killing or something, and people don't say let's wait for the investigators or the prosecutor who could say if this deed can be qualified as terrorism. And if the suspect is some Abu, Dabu, Mabu, Labu, they say it's terrorism*” – E1), principalmente pela **mensagem da comunicação social** que é transmitida (N=3,Ref=7) (“[...] *os meios de comunicação são, digamos assim, entre aspas, entre muitas aspas, um dos grandes inimigos que nós temos, digamos assim, porque reforçam esses preconceitos*” – E4); e as **ideias enraizadas** (N=3,Ref=4) (“*Agora, como é que eu posso motivar com que a pessoa saia desse caminho, é como se estiver a ser contraditório, 'afinal tudo aquilo que me estiveste a ensinar este tempo todo afinal não é verdade?' 'e agora o que é que tu tens para me oferecer de melhor?'*” – E3), consequência da radicalização.

Por outro lado, apresentam alguns **facilitadores** (N=2,Ref=4) (“[...] *they already hampered themselves in a way. Why? Because they are broken up, see how it all settled there, they appear in the media less and less....so there is no more of that fake fighting spirit left, which they got through those “Rambo” movies. And then they shriveled*” – E1), com foco no **papel dos meios de comunicação** (N=3,Ref=5) (“*Ora bem, eu estou perfeitamente de acordo em que exista uma comunicação social aberta, a comunicação social aberta ajuda a desvendar, ajuda a resolver muitos problemas.*” – E5), pela sua influência no que toca à imagem transmitida da comunidade/religião islâmica.

É interessante compreender que a principal estratégia identificada pelos participantes está focada na narrativa alternativa, relacionando-se com o papel da comunidade muçulmana na interpretação do Alcorão e na disponibilidade para o diálogo; o combate à discriminação e a normalização das rotinas surgem aqui como fatores importantes, principalmente quando se abordam estes programas com ex-militantes. A comunicação social é entendida tanto como um obstáculo (pela difusão de preconceitos negativos), como um fator facilitador (quando conjugada com as mensagens positivas e a visibilidade positiva dada à comunidade islâmica). Os outros principais obstáculos identificados são fatores a combater e que se percebe como tendo sido considerados pelos participantes aquando da enumeração de estratégias úteis para a desradicalização.

#### 4. Discussão

Nesta secção, pretende-se conseguir uma leitura integrada dos resultados descritos à luz da literatura, permitindo dar resposta às questões de investigação colocadas como ponto de partida para este estudo.

É importante referir que os discursos, com as contradições e incoerências consideradas normais tendo em conta o momento em que foram entrevistados e a temática em si, não apresentaram grandes oscilações na narrativa partilhada.

##### ***4.1 Quais as percepções dos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), relativamente à razão pela qual um muçulmano se torna radical?***

Os participantes, ainda que com algumas diferenças entre eles, de uma forma geral, referem a **exclusão social**, com ênfase na **discriminação social**, conjugando o **papel da comunicação social**, que apoia a **radicalização**.

A primeira dimensão identificada (**exclusão social e discriminação**), concorre com aquilo que é descrito na literatura, por exemplo num estudo que aborda a radicalização e demonstra que uma das principais razões é a percepção de que a fé dos muçulmanos e os muçulmanos em si, estão a ser estigmatizados e oprimidos através da discriminação/xenofobia na Europa e no Ocidente em geral (Khosrokhavar, 2008). Esta situação de discriminação e exclusão é influenciada pelos *media*, mais uma vez de acordo com o que é descrito na literatura. De acordo com Sikorski, Schmuck, Matthes e Binder (2017), as notícias relatadas pelos *media* influenciam as perspetivas daqueles que as consomem; entende-se que esta cobertura intensiva tem possíveis efeitos negativos relativamente à forma como os cidadãos muçulmanos são vistos nas sociedades ocidentais. Segundo Ewart, Cherney e Murphy (2017), os indivíduos muçulmanos consideram que a cobertura intensiva e preconceituosa (não distinguindo entre muçulmanos e terroristas) torna difícil, para a comunidade islâmica, promover visões alternativas, contribuindo para a incompreensão da opinião pública sobre a comunidade muçulmana (aumentando o estigma e a rotulagem negativa).

Por outro lado, os meios de comunicação também têm um papel importante na **propaganda** de mensagens que aumentam a radicalização, tal como descrito pelos entrevistados. Este papel encontra-se explícito na literatura, compreendendo que as organizações terroristas mais modernas dão prioridade à forma como podem aumentar o medo das audiências e aproveitam a cobertura realizada pelos meios de comunicação social ocidentais (os grupos radicais têm sido apoiados, involuntariamente, pelos *media*

ocidentais, algo também identificado pela amostra deste estudo) para facilitar e aumentar os seus esforços de espalhar o medo (Bates & Mooney, 2016). Para que a referida propaganda seja eficaz nos seus objetivos estratégicos, deve, desta forma, contribuir para alterar perceções e polarizar o apoio das audiências alvo, ou seja, procurar proporcionar um sistema de significado apresentado como uma perspetiva adequada do mundo (Ingram, 2016)<sup>2</sup>, e é neste sentido que surge a questão ideológica abordada de seguida.

#### ***4.2 Como é perspetivada, pelos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), a componente ideológica no processo de radicalização para atos terroristas?***

Os entrevistados identificaram aqui o **papel atual**, dentro daquilo que é o seu **caminho na religião**, com ênfase na **divulgação** da religião, como um dos principais papéis assumidos enquanto praticantes da religião islâmica, o que pode ser um fator motivador na transmissão da mensagem, correta ou extremista. No entanto, e sem relação direta, esta questão não foi encontrada na literatura.

Por outro lado, foi identificado como uma das principais causas para a radicalização a transmissão de uma **má interpretação do Islão**. Segundo Rogers e colaboradores (2007), o papel do fundamentalismo religioso, no terrorismo, pode ser percebido como um fator de manutenção. O fundamentalismo religioso contribui para a radicalização e varia muito nas suas causas: cristãos americanos são motivados pelo patriotismo e em resposta a uma corrente forte de imigrantes; muçulmanos são motivados por uma forte indignação perante a invasão e penetração ocidental, cultural e económica; judeus são motivados pela sua história e indignação perante o antissemitismo e a perseguição (Rogers et al., 2007).

A literatura permite, em conjunto com os resultados obtidos pelas entrevistas, conjugar as diferentes dimensões aqui encontradas. Compreende-se que a **radicalização** de jovens muçulmanos tem como fator motivador a **exclusão social e discriminação social**, que quando conjugadas com uma **má interpretação do Islão** transmitida através dos **meios de comunicação social**, pode transformar-se numa atitude radical, e traduzindo-se, gradualmente, em comportamentos extremistas. Segundo Wain (2015), os grupos terroristas, como por exemplo o auto denominado Estado Islâmico, têm a capacidade de utilizar uma narrativa que espelhe a honra e os deveres heroicos para recrutar um grande número de jovens (muçulmanos ou não muçulmanos) idealistas que procuram um futuro melhor (como consequência da exclusão social), difundindo esta narrativa através dos meios de comunicação social (Wain, 2015). Estes grupos, no sentido

de recrutar jovens e espalhar mensagens que apoiem a radicalização, usam plataformas, por exemplo o Facebook e o Twitter (também identificadas pelos participantes deste estudo ao abordarem as **redes sociais**), como ferramentas de propaganda, utilizando imagens, vídeos e mensagens escritas para criar uma narrativa de “nós” versus “eles” (Awan, 2017). Segundo Weimann (2006), as organizações terroristas mantêm milhares de sites, explorando a natureza não regulamentada, anónima e de fácil acesso da Internet para direcionar uma série de mensagens para uma variedade de públicos alvo. Por outro lado, combater esta questão apresenta-se como um desafio por ser um assunto sensível e delicado no que toca às leis dedicadas à liberdade de expressão (Weimann, 2006).

Tendo em conta aquilo que foi identificado como causas para a radicalização torna-se essencial operacionalizar a hipótese de desradicalização.

#### *4.3 Quais as perceções dos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), relativamente a estratégias a utilizar no processo de desradicalização de jovens jihadistas?*

Nesta dimensão mais geral, devem ser considerados os **obstáculos** referidos pelos participantes, principalmente a **incompreensão intercultural** e a **discriminação social** (influenciada pela **mensagem da comunicação social**). Ainda que estes fatores não sejam encontrados na literatura de uma forma absoluta, diversos autores identificam obstáculos ao processo de desradicalização, principalmente pela dificuldade de avaliar a sua eficácia referindo a existência de barreiras como a falta de critérios, poucos dados corroborados e validados, e uma estrutura pouco sistemática (Deschesne, 2011; Horgan & Braddock, 2010; Rabasa, Pettyjohn, Ghez & Boucek, 2010).

Entende-se que um aspeto referido como importante na **desradicalização**, segundo esta amostra, é a **normalização das rotinas**, conjugada, quase necessariamente, com o **combate à discriminação**. Esta medida, vai, igualmente, ao encontro do que existe na literatura, sendo que Bertelsen (2015), defende que se deve compreender o indivíduo como um ser humano que pretende encontrar um sentido e um propósito na vida, e, por isso, apoiá-lo na sua inserção na sociedade e na integração em atividades legais (sendo que aqui se pode assumir o **acesso ao emprego** e o **acesso à educação**).

A estas estratégias focadas na sociedade em geral, devem-se acrescentar as estratégias direcionadas para o fenómeno do terrorismo islâmico, e portanto envolvendo a ideologia e a comunidade islâmica.

#### ***4.4 Quais as percepções dos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), relativamente à forma como se poderia utilizar a religião, no sentido de desradicalizar os jovens jihadistas?***

Os resultados demonstram que os sujeitos identificam como **estratégia** essencial para o processo de **desradicalização**, a **narrativa alternativa**, que se correlaciona com o **diálogo** (sendo que esta transmissão de uma nova narrativa só é possível mantendo esta disponibilidade para o diálogo), e com o **papel da comunidade islâmica** enquanto principais transmissores desta narrativa (como **guias espirituais** e na **interpretação do Alcorão**). Esta dimensão é bastante debatida na literatura, sendo que se identifica como desafio significativo encontrar uma narrativa alternativa mais apelativa, que consiga chamar a atenção dos grupos marginalizados ou descontentes (Jones, 2017). A transmissão de uma interpretação “correta” do Islão (entenda-se por correta uma versão mais ajustada ao contexto sem descurar a realidade ideológica do Islão), através do diálogo com figuras de confiança/autoridade (como um Imã), é considerada a transformação mais eficaz e duradoura, principalmente tendo em conta que as fontes oficiais ou do estado serão percebidas como pouco credíveis por parte destes jovens (Dalgaard-Nielsen, 2013; Jones, 2017). Desafiar a ideologia islâmica radical com uma interpretação alternativa do Islão, não permite apenas uma mudança mais permanente na visão do mundo do sujeito militante, mas também ajuda a enfraquecer o movimento radical ao desacreditar a sua mensagem (Rabasa, Pettyjohn, Ghez & Boucek, 2010).

O envolvimento da comunidade islâmica nestes processos é essencial nas diferentes modalidades, quer nas medidas preventivas, quer nas medidas de desradicalização e reabilitação (Dalgaard-Nielsen, 2013). Como a ideologia é um fator crucial para o extremismo islâmico violento, a maioria dos programas de desradicalização existentes nos países muçulmanos inclui uma componente ideológica na forma de um diálogo teológico – recrutam Imãs, eruditos e, por vezes, ex-militantes para discutir a ideologia islâmica e demonstrar aos indivíduos radicais que a sua interpretação do Islão está errada (Rabasa, Pettyjohn, Ghez & Boucek, 2010).

Compreendendo que as convicções políticas e religiosas vão sendo acumuladas e têm um papel crucial na vida das pessoas (Agerschou, 2015), ao mesmo tempo que se percebe o papel do fundamentalismo no terrorismo enquanto fator de manutenção (Rogers et al., 2007), é essencial que esta dimensão esteja integrada nos programas de desradicalização.

#### ***4.5 Como é perspectivada, pelos indivíduos muçulmanos (Imãs, radicais e praticantes), a dissociação do conceito de ‘terrorismo’ da ‘ideologia islâmica’?***

A **dissociação** entre ato terrorista e religião islâmica foi a categoria de maior impacto (focada por todos os participantes). Os participantes concordam de uma forma unânime que não deve ser estabelecida uma relação entre religião e terrorismo, ainda que a sua justificação possa variar – neste estudo abordam o **papel da política** e a compreensão deste ato (terrorista) ser **contranatura**. A literatura apresenta alguns argumentos semelhantes, por exemplo ao afirmar que o Islão é uma religião, e até um sistema cultural, mas não é uma ideologia política – esta utilização da ideologia islâmica na política (visível nas últimas décadas) é compreendida como uma variante do fundamentalismo religioso (Tibi, 2005). Esta mesma dissociação é apoiada pela literatura ao compreender que a maneira pela qual os terroristas procuram contextualizar fatores geopolíticos como uma causa para a Jihad violenta é determinada como uma interpretação extrema do Alcorão (Venkatraman, 2007), entendido pelos participantes como sendo **contranatura** ao que é explícito no livro sagrado.

Os sujeitos pertencentes a esta amostra, apresentam a **religião** pelo seu aspeto positivo, reforçando a sua **prática**, pela concretização daquilo que são os seus **princípios essenciais**, com foco nos **cinco pilares**. A literatura vai ao encontro destas narrativas, sendo que, segundo Esposito e Yilmaz (2010), é necessário compreender que no Islão, como em todas as tradições, os princípios islâmicos têm sido reinterpretados, resultando da flexibilidade de ideias e divergências ao longo do tempo. No entanto, a evidência demonstra que não existe nenhuma contradição entre o Islão e o pluralismo civil-democrático, ou seja, é possível a coexistência das diferentes culturas com o Islão (Esposito & Yilmaz, 2010). Enquanto religião e tradição, o Islão reflete ensinamentos e práticas sobre a construção de paz, permitindo recursos (valores e estratégias não violentas) enfatizando princípios como: procura de justiça; fazer o bem; universalidade e dignidade da humanidade; valor sagrado da vida humana; igualdade; procura de paz através da razão, conhecimento e compreensão; criatividade; perdão; deveres e responsabilidades; paciência; ações colaborativas e solidariedade; inclusão; diversidade; pluralismo e tolerância (Smock & Huda, 2009, cit in Esposito & Yilmaz, 2010).

Neste mesmo sentido, e compreendendo as dificuldades existentes numa descrição concordante de diversos conceitos chave, os entrevistados, abordam o conceito de **jihad**, **suicídio**, **inocentes** e **mártir**, numa lógica explicativa. Com a abordagem realizada pelos participantes a estes conceitos chave, pretendeu-se obter um maior

esclarecimento dos mesmos, surgindo assim mensagens positivas sobre o Islão, como “o Alcorão considera o assassinato de civis algo inaceitável” (Dalgaard-Nielsen, 2013); conseguimos obter vários testemunhos semelhantes no tópico da **religião**, principalmente na categoria de **dissociação**. Por exemplo, o conceito de **Jihad** (abordado como um dos **conceitos a esclarecer**), surge na literatura como um dos conceitos centrais do fenómeno. Cook (2015), procura esclarecer este conceito ao explicar que, ainda que esta palavra tenha adquirido uma conotação negativa, e possa ser, de facto, entendida no sentido de luta pela expansão e proteção da fé islâmica, a maioria dos muçulmanos recusa a associação a qualquer forma de violência, adotando o significado exclusivamente espiritual da palavra. Esta mesma conclusão foi atingida com os dados obtidos através das entrevistas. Outro conceito apresentado nesta mesma subcategoria (**conceitos a esclarecer**) foi o “**suicídio**”; à luz daquilo que é o fenómeno principal do estudo, este conceito surge como um dos principais na literatura, que transmitem a mesma mensagem refletida nas narrativas dos participantes – os ataques suicidas, não são um fenómeno islâmico por definição (Bar, 2004).

Compreende-se que deixar um grupo fundamentalista (radical) islâmico implica a rejeição de uma ideologia radical ou de partes essenciais da mesma; assim torna-se imperativa a articulação de princípios teológicos fundamentados no restante processo de desradicalização (Rabasa, Pettyjohn, Ghez & Boucek, 2010).

## 5. Conclusão

Com a integração dos dados identificaram-se algumas dimensões importantes no desenvolvimento positivo do processo de desradicalização, e que podem ser orientadores na formação de um programa, incluindo a sociedade onde decorre e a comunidade islâmica, no seu papel ideológico. Igualmente, foram compreendidas diferentes causas que nos permitem compreender possíveis fatores de risco para a radicalização, e portanto o combate destes fatores poderá funcionar como prevenção do fenómeno. Assim, combater o terrorismo islâmico passa pela inclusão social dos indivíduos muçulmanos – tendo a comunicação social um papel importante (na imagem transmitida). Entende-se que não só não se deve relacionar a religião islâmica (ou qualquer outra) ao ato terrorista, como também este comportamento discriminatório é um dos motores da radicalização.

Conclui-se que é indispensável a inclusão da dimensão ideológica e da religião islâmica quando estamos a considerar estratégias de desradicalização para jovens radicalizados (jihadistas). É essencial criar, de forma coerente e consistente, uma narrativa alternativa que se mostre mais apelativa do que aquela que permitiu a radicalização. Esta narrativa, no que toca à questão ideológica, deve ser transmitida por sujeitos que os grupos-alvo considerem de confiança (Jones, 2017). Uma vez que as fontes oficiais do estado são percebidas como pouco credíveis pelos jovens/grupos (Jones, 2017), é crucial integrar as comunidades islâmicas e os seus representantes nestes programas de desradicalização.

Pretende-se contribuir com diversas estratégias e perspetivas (permitindo a criação de contra narrativas) para o kit de desradicalização do projeto internacional MATES, dissociando a religião islâmica da radicalização e atos terroristas. Assim, é possível melhorar conhecimentos sobre aquilo que são as práticas e as políticas envolvidas nos processos de desradicalização.

Uma das limitações desta investigação prende-se com a amostra – o pequeno número de participantes (seis) deveu-se ao difícil acesso e disponibilidade da comunidade islâmica. A amostra, ainda que se pretendesse como representativa do fenómeno, não permitiu atingir a saturação teórica. Neste caso, não se atingindo a saturação teórica, as categorias terminaram quando se esgotou a informação recolhida. Tendo em conta o tamanho da amostra, e não se atingindo a saturação teórica, deve-se considerar que numa investigação semelhante a esta (com prazos específicos) não existe a possibilidade de continuar a investigação “aberta” que a saturação requer (Mason, 2010). A validade dos resultados foi assegurada ao manter o rigor na recolha e análise dos dados – a investigação

qualitativa (fenomenológica) com múltiplos participantes, como é o caso, aumenta a validade das conclusões obtidas (Lester, 1999).

Outra questão a considerar prende-se com o processo da desejabilidade social, tendo em conta a natureza delicada do tema focado nas entrevistas. A desejabilidade social reflete a tendência humana de se apresentar da melhor maneira possível, podendo distorcer significativamente as informações obtidas, ao negar traços socialmente indesejáveis ou reivindicar traços socialmente desejáveis (Fisher, 1993; Nederhof, 1985). Esta dimensão pode ser equilibrada quando, nas entrevistas, as questões são abertas, indiretas e colocadas em profundidade, compreendendo o papel crucial do entrevistador. Um método que permite mitigar os efeitos do viés da desejabilidade social passa, assim, por serem colocadas questões neutras (Nederhof, 1985) e questões indiretas (Fisher, 1993). Assim, a opção tomada neste estudo por um guião de entrevista semiestruturado entende-se como um registo, que associado a uma atitude de disponibilidade e respeito por parte do investigador (papel de facilitador no diálogo), potencia a autenticidade das respostas dos participantes (Rubin & Rubin, 2012).

Tendo em conta as limitações deste estudo, será importante que as investigações futuras procurem atingir a saturação teórica deste fenómeno, alargando o tamanho e a variabilidade da amostra. Igualmente, será importante compreender o impacto da dimensão ideológica/religiosa, segundo a perspectiva dos indivíduos submetidos a um processo de desradicalização.

## Referências Bibliográficas

- Agerschou, T. (2015). Preventing Radicalization and Discrimination in Aarhus. *Journal for Deradicalization*, 1, 5-22.
- Awan, I. (2017). Cyber-Extremism: ISIS and the Power of Social Media. *Soc*, 54, 138-149. doi: 10.1007/s12115-017-0114-0
- Bar, S. (2004). The Religious Sources of Islamic Terrorism. *Policy Review*, 125, 27-37.
- Bamberg, M. (2004). Considering counter narratives. *Considering counter narratives: Narrating, resisting, making sense*, 4.
- Bates, R. & Mooney, M. (2016). Distance Learning and Jihad: The Dark Side of the Force. *Journal of Distance Learning Administration*, 1-6.
- Bertelsen, P. (2015). Danish Preventive Measures and De-radicalization Strategies: The Aarhus Model. In Panorama, Insights into Asian and European Affairs, *From the Desert to World Cities: the new terrorism* (1ª ed), 241-253. Konrad Adenauer Stiftung.
- Blandford, A. (2013). Semi-structured qualitative studies. In M. Soegaard & R. F. Dam (Eds). *The Encyclopedia of Human-Computer Interaction* (2ª ed), 1-53. Aarhus, Denmark: The Interaction Design Foundation.
- Borum, R. (2010). Understanding Terrorist Psychology. In A. Silje (Ed.), *The Psychology of Counter-terrorism*, 1-12. Oxon, Uk: Routledge.
- Cavanagh, S. (1997). Content analysis: concepts, methods and applications. *Nurse Research*, 4 (3), 5-16.
- Cook, D. (2015). *Understanding jihad*. University of California Press.
- Cordeiro, P. (2017, 16 de setembro). Falha de bomba salva londrinos. *Expresso*, p. 33.

- Crenshaw, M. (1981). The Causes of Terrorism. *Comparative Politics*, 13 (4), 379-399.
- Crenshaw, M. (2000). The Psychology of Terrorism: An Agenda for the 21st Century. *Political Psychology*, 21 (82), 405-420.
- Creswell, J. W. & Poth, C. N. (2017). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches* (4<sup>a</sup> ed.). Londres: SAGE
- Dalgaard-Nielsen, A. (2013). Promoting Exit from Violent Extremism: Themes and Approaches. *Studies in Conflict & Terrorism*, 36 (2), 99-115. doi: 10.1080/1057610X.2013.747073
- Dechesne, M. (2011). Deradicalization: not soft, but strategic. *Crime Law Soc Change*, 55, 287-292. doi: 10.1007/s10611-011-9283-8
- Erdem, B. K. & Bilge, R. (2017). The Announcement of DAR al-Harb in Cyber Media in Context of the Theological Policy of Jihad: Reading the Cyber-Jihad and ISIS based on the Pharmakon Characteristic of the Cyber Media. *International Journal of Islamic Thought*, 11, 17-29. doi: <https://doi.org/10.24035/ijit.11.2017.003>
- Esposito, J. L. & Yilmaz, I. (2010). Part 1 Introduction Islam and peacebuilding: Gulen movement initiatives. In J. L. Esposito & I. Yilmaz (Eds.) *Islam and peacebuilding: Gulen movement initiatives*. Blue Dome Press.
- Europol, European Law Enforcement Agency TE-SAT (2015). *European Union Terrorism Situation and Trend Report 2015*. European Police Office.
- Ewart, J., Cherney, A. & Murphy, K. (2017). News Media Coverage of Islam and Muslims in Australia: An Opinion Survey among Australian Muslims. *Journal of Muslim Minority Affairs*, 37 (2), 147-163. doi: 10.1080/13602004.2017.1339496
- Feddes, A. R. (2015). Socio-psychological factors involved in measures of disengagement and deradicalization and evaluation challenges in Western Europe.

- Festinger, L. (1962). Cognitive Dissonance. *Scientific American*, 207 (4), 93-107. doi: <http://dx.doi.org/10.1038/scientificamerican1062-93>
- Fisher, R. J. (1993). Social Desirability Bias and the Validity of Indirect Questioning. *Journal of Consumer Research*, 20, 303-315. doi: 0093-5301/94/2002-0010\$2.00
- Guardia, J. (2017, 16 de setembro). Criminoso não volta ao local do crime. *Expresso*, p. 33.
- Horgan, J. & Braddock, K. (2010). Rehabilitating the Terrorists?: Challenges in Assessing the Effectiveness of De-radicalization Programs. *Terrorism and Political Violence*, 22 (2), 267-291. doi: 10.1080/09546551003594748
- Hudson, R. A. (1999). The Sociology and Psychology of Terrorism: Who becomes a terrorist and why? Federal Research Division, Library of Congress.
- Ingram, H. J. (2016)<sup>1</sup>. An analysis of Islamic State's Dabiq magazine. *Australian Journal of Political Science*, 51 (3), 458-477. doi: 10.1080/10361146.2016.1174188
- Ingram, H. J. (2016)<sup>2</sup>. Deciphering the Siren Call of Militant Islamist Propaganda: Meaning, Credibility & Behavioural Change. *International Center for Counter-Terrorism – The Hague (ICCT)*. doi: 10.19165/2016.1.12
- Jones, E. (2017). The reception of broadcast terrorism: recruitment and radicalisation. *International Review of Psychiatry*, 29 (4), 320-326. doi: 10.1080/09540261.2017.1343529
- Kruglanski, A. W. & Fishman, S. (2006). The Psychology of Terrorism: “Syndrome” Versus “Tool” Perspectives. *Terrorism and Political Violence*, 18, 193-215. doi: 10.1080/09546550600570119

- Khosrokhavar, F. (2008). Terrorism in Europe and the Middle East. Discurso no Centro de estudos sobre o Islamismo e a Radicalização no Departamento de Ciência Política, University of Aarhus (Denmark).
- Lester, S. (1999). An introduction to phenomenological research.
- Maikovich, A. K. (2005). A new understanding of terrorism using cognitive dissonance principles. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 35 (4), 373-397.
- Malterud, K. (2001). Qualitative research: standards, challenges, and guidelines. *The Lancet*, 358, 483-488.
- Mason, M. (2010). Sample size and saturation in PhD studies using qualitative interviews. *Forum qualitative Sozialforschung/Forum: qualitative social research*, 11 (3), 1-19.
- Maxwell, J. A. (2013). *Qualitative Research Design: An Interactive Approach* (3<sup>a</sup> ed.) Londres: SAGE.
- McCauley, C. (2006). Jujitsu Politics: Terrorism and Response to Terrorism. In P. R. Kimmel & C. E. Stout (Eds), *Collateral Damage: The Psychological Consequences of America's War on Terrorism*, 45-65. Westport, Ct: Praeger.
- McCauley, C. & Moskalenko, S. (2008). Mechanisms of Political Radicalization: Pathways toward terrorism. *Terrorism and Political Violence*, 20, 415-433. doi: 10.1080/09546550802073367.
- Mojtahed, R., Nunes, M. B., Martins, J. T. & Peng, A. (2014). Equipping the Constructivist Researcher: The Combined use of Semi-Structured Interviews and Decision-Making maps. *Electronic Journal of Business Research Methods*, 12 (2), 87-95.
- Monroe, K. R. & Kreidie, L. H. (1997). The Perspective of Islamic Fundamentalists and the Limits of Rational Choice Theory. *Political Psychology*, 18 (1), 19-43.

- Moskalenko, S. & McCauley, C. (2009). Measuring Political Mobilization: The Distinction Between Activism and Radicalism. *Terrorism and Political Violence*, 21, 239-260. doi: 10.1080/09546550902765508
- Mozzato, A. R., Grzybovski, D. & Teixeira, A. N. (2016). Análises Qualitativas nos Estudos Organizacionais: as vantagens no uso do software NVivo ®. *Revista Alcance (Online)*, 23 (4), 578-587. doi: alcance.v23n4.p578-587
- Nederhof, A. J. (1985). Methods of coping with social desirability bias: a review. *European Journal of Social Psychology*, 15, 263-280.
- Palano, D. (2014). Terrorism as “a political world”: Identity, strategy, values. In R. Caruso & A. Locatelli (Eds.), *Understanding Terrorism: A Socio-Economic Perspective* (Volume 22), 135-157. Emerald Group Publishing Limited.
- Pazoles, M. J. (2010). *Stemming the tide: evaluating the british government’s efforts to counter the radicalization of british muslim youth* (Dissertação de mestrado). Faculty of the University of Delaware, Spring.
- Pietkiewicz, I. & Smith, J. A. (2014). A practical guide to using Interpretative Phenomenological Analysis in qualitative research psychology. *Czasopismo Psychologiczne – Psychological Journal*, 29 (1), 7-14. doi: 10.14691/CPPJ.20.1.7
- Rabasa, A., Pettyjohn, S. L., Ghez, J. J. & Boucek, C. (2010). *Deradicalizing Islamist Extremists*. RAND CORP ARLINGTON VA NATIONAL SECURITY RESEARCH DIV.
- RAN EXIT (2016). Outline: deradicalisation interventions for violent extremism, 1-8. Consultado em: [https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/networks/radicalisation\\_awareness\\_network/about-ran/ran-exit/docs/ran\\_exit-ex\\_post\\_paper\\_london\\_15-16032016\\_en.pdf](https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/networks/radicalisation_awareness_network/about-ran/ran-exit/docs/ran_exit-ex_post_paper_london_15-16032016_en.pdf)
- RAN ISSUE PAPER (2016). Foreign fighter returnees & the reintegration challenge, 1-19. Consultado em: <https://ec.europa.eu/home->

affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/networks/radicalisation\_awareness\_network/ran-papers/docs/issue\_paper\_foreign\_fighter\_returnees\_reintegration\_challenge\_112016\_en.pdf

- Ribeiro, A., Gonçalves, M. M. & Ribeiro, E. (2009). Processos narrativos de mudança em psicoterapia: Estudo de um caso de sucesso de terapia construtivista. *Psychologica*, 50, 181-203.
- Richards, L. & Morse, J. M. (2013). Qualitative research design. In J. M. Morse & L. Richards (Eds), *Readme first for a user's guide to qualitative methods* (3<sup>a</sup> ed), 87-116. Los Angeles: Sage.
- Ritchie, J., Lewis, J. & Elam, G. (2003). Designing and Selecting Samples. In J. Ritchie & J. Lewis (Eds.), *Qualitative Research Practice* (p. 77-108). London: Sage.
- Rogers, M. B., Loewenthal, K. M., Lewis, C. A., Amlôt, R., Cinnirella, M. & Ansari, H. (2007). The role of religious fundamentalism in terrorist violence: A social psychological analysis. *International Review of Psychiatry*, 19 (3), 253-262.
- Rubin, H. J. & Rubin, I. S. (2012). Qualitative Data-Gathering Methods and Style. In H. J. Rubin & I. S. Rubin (Eds), *Qualitative Interviewing: The art of hearing data* (3<sup>a</sup> ed), 25-39. Sage.
- Saltman, E. M. & Smith, M. (2015). Prevention and De-Radicalisation. In E. M. Saltman & M. Smith (Eds.), *'Till Martyrdom Do Us Part' Gender and the ISIS Phenomenon* (p. 51-68). Institute for Strategic Dialogue. ICSR
- Sikorski, C., Schmuck, D., Matthes, J. & Binder, A. (2017). "Muslims are not Terrorists": Islamic State Coverage, Journalistic Differentiation Between Terrorism and Islam, Fear Reactions, and Attitudes Toward Muslims. *Mass Communication and Society*, 1-24. doi: <https://doi.org/10.1080/15205436.2017.1342131>

Statista, The Statistics Portal (n.d.). *Number of Terrorist Attacks Worldwide between 2006 and 2015*. Consultado em Statista: <https://www.statista.com/statistics/202864/number-of-terrorist-attacks-worldwide/>

Taylor, G. R. (2005). Introduction and Overview of the Research Process. In G. R. Taylor (Ed.), *Integrating Quantitative and Qualitative Methods in Research* (2<sup>a</sup> ed.), 3-20. New York: University Press of America.

Tibi, B. (2005). Introduction: Islam between Culture and Politics: the Scope and Implications. In B. Tibi (Ed), *Islam between Culture and Politics* (2<sup>a</sup> ed), 1-18. Palgrave Macmillan.

Venkatraman, A. (2007). Religious Basis for Islamic Terrorism: the Quran and its interpretations. *Studies in Conflict & Terrorism*, 30 (3), 229-248.

Wain, A. (2015). *Counter- and Alternative-Narratives for a Comprehensive Strategy to Effectively Combat ISIS Propaganda*. Kuala Lumpur Convention Centre (KLCC), p. 140-141.

Weimann, G. (2006). *Terror on the Internet: The New Arena, The New Challenges*. US Institute of Peace Press.

# ANEXOS

Anexo I – Quadro de Objetivos e Questões de Investigação

<p><b>Objetivo Geral:</b> Compreender a perceção dos indivíduos muçulmanos (imãs, radicais e não radicais), sobre a questão do terrorismo islâmico, de forma a contribuir para as estratégias de dessensibilização e desradicalização dos jovens jihadistas, fomentando a sua integração social, impedindo que estes apoiem o terrorismo.</p>		
<p><b>Questão Central:</b> De que forma é que os indivíduos muçulmanos (imãs, radicais e não radicais) percecionam a problemática do terrorismo islâmico?</p>		
Objetivos Específicos	Questões de Investigação	Categorias
<p>1. Explorar possíveis acontecimentos, sentimentos, causas, que expliquem o início do processo de radicalização por jovens.</p>	<p>1.1 Quais as perceções dos indivíduos muçulmanos (imãs, radicais e não radicais), relativamente à razão pela qual um muçulmano se torna radical/terrorista?</p>	<p>3 Radicalização: 3.1 causas (3.1.1 exclusão social; 3.1.2 sentimento de desilusão; 3.1.4 situação de guerra); 3.2 meios (3.2.1 meios de comunicação social).</p>
	<p>1.2 Como é perspetivada, pelos indivíduos muçulmanos (imãs, radicais e não radicais), a componente ideológica no processo de radicalização para atos terroristas?</p>	<p>2. Religião: 2.1 caminho percorrido (2.1.4 papel atual – 2.1.4.1 divulgação da religião). 3 Radicalização: 3.1 causas (3.1.3 má interpretação do Islão); 3.2 meios (3.2.1 meios de comunicação social; 3.2.2 processo de recrutamento); 3.3 consequências (3.3.1 terrorismo – 3.3.1.2 terrorismo islâmico).</p>
<p>2. Identificar diferentes estratégias que poderiam ser úteis no processo de desradicalização</p>	<p>2.1 Quais as perceções dos indivíduos muçulmanos (imãs, radicais e não radicais), relativamente a estratégias a utilizar no processo de desradicalização de jovens jihadistas?</p>	<p>4. Desradicalização: 4.1 estratégias possíveis (4.1.1 normalização das rotinas; 4.1.2 combater a discriminação; manutenção do processo); 4.2 obstáculos; 4.3 facilitadores.</p>
	<p>2.2 Quais as perceções dos indivíduos muçulmanos (imãs, radicais e não radicais),</p>	<p>2. Religião: 2.3 (2.3.1 princípios essenciais); 2.4 conceitos a esclarecer; 2.5 dissociação.</p>

	relativamente à forma como se poderia utilizar a religião, no sentido de desradicalizar os jovens jihadistas?	4. Desradicalização: 4.1 estratégias possíveis (4.1.3 narrativa alternativa; 4.1.5 diálogo; 4.1.6 papel da comunidade islâmica).
<b>3.</b> Explorar a possível dissociação entre a religião islâmica e o ato terrorista/radical.	3.1 Como é perspectivada, pelos indivíduos muçulmanos (imãs, radicais e não radicais), a dissociação do conceito de terrorismo da ideologia islâmica?	2. Religião: 2.2 prática da religião; 2.3 princípios essenciais; 2.4 conceitos a esclarecer; 2.5 dissociação (2.5.1 ser contranatura; 2.5.3 papel da comunidade islâmica; 2.5.4 papel da política; 2.5.5 papel dos eruditos).

## Anexo II – Guião de Entrevista

Temas Gerais	Temas Específicos	Indicações	Questões
<b>Introdução Geral</b>	Esta entrevista está inserida no projeto internacional MATES. Este projeto entende que existe uma crença errónea sobre a ligação entre o terrorismo e a religião islâmica, e, portanto, pretende a dissociação destes dois conceitos. Gostaria de explorar a sua perceção em relação a esta problemática, através de uma entrevista gravada, garantindo que todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para fins da investigação e o anonimato é assegurado.		
<b>Informação Demográfica</b>	Caracterização do participante	Ser capaz de conhecer de uma forma breve o sujeito entrevistado, no sentido de caracterizar o grupo de participantes;	<p>Questões gerais</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual a sua idade?</li> <li>2. Qual a sua nacionalidade?</li> </ol> <p>Imã</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>3. Qual o cargo religioso que desempenha? <ol style="list-style-type: none"> <li>a. Como foi o seu percurso até aqui?</li> </ol> </li> <li>4. Qual diria ser o seu objetivo enquanto imã?</li> </ol> <p>Muçulmano</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>4. Qual diria ser o seu objetivo enquanto muçulmano?</li> </ol>
<b>História Pessoal – o que é ser muçulmano?</b>	Crescer numa comunidade muçulmana	Procurar conhecer o individuo como pessoa, como muçulmano;	<p>Questões gerais</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A religião muçulmana surgiu na sua educação (desde o nascimento) ou foi uma escolha realizada mais tarde?</li> <li>2. Como foi a sua infância? Descrever a infância, relação com os pais, acontecimentos marcantes;</li> <li>3. O que significa, para si, ser muçulmano?</li> </ol> <p>Imã</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>4. Enquanto Imã, como é um dia habitual para si? <ol style="list-style-type: none"> <li>a. Qual a implicação de ser imã na sua rotina (no seu dia-a-dia)? A diferença entre ser imã e não ser;</li> </ol> </li> </ol> <p>Muçulmano</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>4. Enquanto crente, como é um dia habitual para si?</li> </ol>

				a. Qual a implicação de ser muçulmano na sua rotina (no seu dia-a-dia)?
<b>Religião Muçulmana e Terrorismo Islâmico</b>	Terrorismo Islâmico	Focar o projeto em que esta investigação está inserida – procurar compreender a perceção do sujeito entrevistado relativamente à problemática do terrorismo islâmico;	Questões gerais 1. Como compreende este fenómeno? O que significa, para si a expressão terrorismo islâmico? 2. O que implica a denominação de terrorismo islâmico? A nível pessoal, social e para a comunidade; 3. Como interpreta o papel dos meios de comunicação nesta dimensão? Forma como transmitem as notícias, como transmitem o papel da religião islâmica e do muçulmano; 4. Como entende a implicação da religião islâmica no terrorismo?	
	Recrutamento	Compreender de que forma a religião muçulmana é utilizada no recrutamento de jovens;	Questões gerais 1. A forma como um jovem é recrutado para as fileiras terroristas é semelhante para homem e para mulher? Explorar diferenças de género; 2. Quais as diferenças entre o recrutamento no ocidente e noutras regiões? África, Médio Oriente; 3. O que pode motivar um muçulmano a radicalizar-se? Explorar diferenças de género; 4. Que implicações acredita ter esta versão da religião islâmica no processo de radicalização dos jovens, tanto muçulmanos como não-muçulmanos? 5. Como percecionam a utilização de conceitos da religião para o recrutamento? Explorar diferenças de género;	

<b>Papel da Religião na Desradicalização</b>	Desradicalização de jihadistas	Focar a dissociação entre islamismo e terrorismo;	Questões gerais 1. O que pode levar um jovem jihadista à desradicalização? 2. Qual o papel do Islão (enquanto comunidade) no processo de desradicalização?	
	Papel do Imã no processo de desradicalização		Questões gerais 1. Em que difere a mensagem do Corão, bem transmitida, e a mensagem do recrutador?	Imã 2. Enquanto Imã, quais os valores da religião muçulmana que devem ser reforçados, como apoio à desradicalização?
				Muçulmano 2. Enquanto muçulmano, quais os valores da religião muçulmana que devem ser reforçados, como apoio à desradicalização?
<b>Mensagem do Corão</b>	Principal mensagem a transmitir da religião muçulmana	Principais ideias a transmitir que sejam úteis para o processo de desradicalização;	Questões gerais 1. Qual o papel do muçulmano no que toca à divulgação da religião? 2. Qual a principal mensagem transmitida pelo Corão? 3. Como é que essa mensagem pode apoiar a desradicalização?	

### Anexo III – Consentimento Informado



CATOLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde  
PORTO

#### Projeto MATES

#### A Influência da Dimensão Religiosa (Islâmica) nas Estratégias de Saída de Jovens Radicalizados

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde (Faculdade de Educação e Psicologia - Universidade Católica Portuguesa), orientada pela Profª. Doutora Mariana Barbosa e Mestre Raquel Lira, gostaríamos de explorar a sua perceção relativamente à temática do terrorismo islâmico, pretendendo a dissociação entre terrorismo e religião islâmica, através de uma entrevista gravada.

A participação nesta investigação é de carácter voluntário e o participante tem o direito de recusar responder a qualquer questão, sem qualquer prejuízo.

Todas as informações recolhidas serão utilizadas com o objetivo de contribuir para as estratégias de dessensibilização e desradicalização dos jovens radicalizados, fomentando a sua integração social, impedindo que estes apoiem o terrorismo.

Os dados conseguidos através da entrevista serão utilizados exclusivamente para fins académicos da presente investigação, e as gravações serão destruídas com a conclusão do projeto.

Agradecendo, desde já, a sua disponibilidade,

\_\_\_\_\_  
(\*investigadora do projeto)

---

Por favor leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento:

Eu \_\_\_\_\_ declaro que:

- Compreendi o que me está ser solicitado;
- Fui esclarecido relativamente aos objetivos da entrevista;
- Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências;
- Foi-me assegurado que as informações recolhidas são totalmente anónimas e confidenciais e utilizadas apenas para esta investigação;

Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Assinatura,

\_\_\_\_\_  
Porto, \_\_\_\_\_

## **1. Participantes**

- 1.1 Infância
  - 1.1.1 Perda de um ente querido
  - 1.1.2 Comunidade muçulmana
- 1.2 Profissão
- 1.3 Abuso de substâncias
- 1.4 Experiência de prisão
- 1.5 Papel da guerra
- 1.6 Comunidade portuguesa

## **2. Religião**

- 2.1 Caminho percorrido
  - 2.1.1 Iniciação
  - 2.1.2 Escola da comunidade islâmica
  - 2.1.3 Ser radical
  - 2.1.4 Papel atual
    - 2.1.4.1 Divulgação da religião
    - 2.1.4.2 Função social (comunidade)
- 2.2 Prática da religião
  - 2.2.1 Direitos
  - 2.2.2 Deveres
- 2.3 Princípios essenciais
  - 2.3.1 Cinco pilares
    - 2.3.1.1 Shahada
    - 2.3.1.2 Salat
    - 2.3.1.3 Ramadão
    - 2.3.1.4 Zakat
    - 2.3.1.5 Ida a Meca
  - 2.3.2 Jihad
  - 2.3.3 Dawa
  - 2.3.4 Carácter
  - 2.3.5 Paz

## 2.4 Conceitos a esclarecer

2.4.1 Suicídio

2.4.2 Inocentes

2.4.3 Mártir

2.4.4 Descrentes

2.4.5 Conflitos

2.4.5 Hadiths

## 2.5 Dissociação

2.5.1 Ser contranatura

2.5.2 Geração mais jovem

2.5.3 Papel da comunidade islâmica

2.5.4 Papel da política

2.5.5 Papel dos eruditos

## **3. Radicalização**

### 3.1 Causas

3.1.1 Exclusão social

3.1.1.1 Desemprego

3.1.1.2 Falta de educação

3.1.1.3 Discriminação e estigma

3.1.2 Sentimento de desilusão

3.1.2.1 Para com a comunidade islâmica

3.1.2.2 Para com o Ocidente

a) Atitude preconceituosa

b) Culpa

c) Conceito de democracia

d) Políticas bélicas

e) Discriminação nos meios de comunicação

3.1.3 Má interpretação do Islão

3.1.4 Situação de guerra

3.1.4.1 Sentimento de vingança

3.1.4.2 Sentimento de revolta

3.1.4.3 Impacto individual

3.1.4.4 Na Síria

a) Papel assumido

3.1.4.5 Na Palestina

3.1.4.6 Na Líbia

3.1.4.7 Na Nigéria

3.1.4.8 No Iraque

3.1.5 Antecedentes violentos

3.2 Meios

3.2.1 Meios de comunicação social

3.2.1.1 Desinformação

3.2.1.2 Propaganda

3.2.1.3 Redes sociais

3.2.2 Processo de recrutamento

3.2.2.1 Mulher

3.2.2.2 No ocidente

3.2.2.3 No médio oriente, África

3.3 Consequências

3.3.1 Terrorismo

3.3.1.1 Grupos terroristas

3.3.1.2 Terrorismo islâmico

## **4. Desradicalização**

4.1 Estratégias possíveis

4.1.1 Normalização das rotinas

4.1.1.1 Acesso a emprego

4.1.1.2 Acesso a educação

4.1.2 Combater a discriminação

4.1.3 Narrativa alternativa

4.1.4 Manutenção do processo

4.1.5 Diálogo

4.1.6 Papel da comunidade islâmica

4.1.6.1 Guias espirituais

4.1.6.2 Interpretação do Alcorão

4.1.6.3 Atitudes de prevenção

4.1.6.4 Reação aos acontecimentos

#### 4.1.6.5 Acompanhamento nas prisões

#### 4.1.7 Terapia psicológica

### 4.2 Obstáculos

#### 4.2.1 Visão negativa da desradicalização

#### 4.2.2 Perceção de ataque à religião

#### 4.2.3 Incompreensão intercultural

#### 4.2.4 Discriminação social

##### 4.2.4.1 Mensagem da comunicação social

#### 4.2.5 Possibilidade de recaída

#### 4.2.6 Medidas sobreprotetoras

#### 4.2.7 Ideias enraizadas

#### 4.2.8 Integração de grupos radicais

### 4.3 Facilitadores

#### 4.3.1 Visão positiva da desradicalização

#### 4.3.2 Papel dos meios de comunicação

#### 4.3.3 Motivação individual

## **5. Papel da mulher muçulmana**

### 5.1 Desigualdade de género

### 5.2 Direito ao trabalho

### 5.3 Direito à educação

Anexo V – Descrição do Sistema Geral de Categorias

Tema	Categoria	Subcategoria	N / Ref	Exemplos	
				Código	Excertos
<p><b>1. Participantes</b></p> <p><i>Descrever quem são os participantes (como eles se descrevem) e aquilo que na sua história os distingue. Permitir a descrição da amostra.</i></p>			4/7	Entrevistado 5	“Neste momento, o meu objetivo como muçulmano, bem, não diria como muçulmano, mas como representante, como responsável pela comunidade muçulmana.”
	1.1 Infância		4/7	Entrevistado 2	“I went to the primary school, finished secondary school and then I was a shepherd till the beginning of the war.”
		1.1.1 Perda de um ente querido	1/4	Entrevistado 1	“I lost my father in my early childhood”
		1.1.2 Comunidade muçulmana	2/4	Entrevistado 3	“(…) de certa forma se formos a relacionar com a religião acho que foi muito bom porque nós vivíamos numa comunidade muito grande em que tem-se muitos filhos, tem-se muitos primos e a religião de certa forma vai fazendo parte.”
	1.2 Profissão		3/6	Entrevistado 1	“I was a professional musician for about 20 years.”
	1.3 Abuso de substâncias		1/5	Entrevistado 1	“I started doing music, but except from the fact that I enjoyed drinking, I didn’t use any other substances, doping, drugs, while I was doing music.”
	1.4 Experiência de prisão		1/5	Entrevistado 2	“The day before yesterday on the 3rd July I had to report to the prison. I went to the prison and when I came to the gates they decline me.”
	1.5 Papel da guerra		1/4	Entrevistado 2	“It wasn’t trauma for me. For me it was like: when you must do something, you just make

					peace with it. We were attacked, we had to defend our lives in the first place.”	
	1.6 Comunidade portuguesa		1/3	Entrevistado 5	“Felizmente Portugal é um país muito sossegado, até agora, e eu espero que não haja nada aqui, porque não há motivos para haver, nós os portugueses, moçambicanos, da Guiné-Bissau, somos a maioria que vive cá em Portugal, somos portugueses de nascença, desde os nossos países que eram antigas colónias de Portugal, nós sentimo-nos portugueses, falamos a língua portuguesa, pensamos em português, comemos o que é bom de Portugal, portanto, para nós somos portugueses, de gema (...)”	
<p><b>2. Religião</b></p> <p><i>Compreender as diferentes perspetivas dos participantes sobre a religião islâmica (como a descrevem; tópicos específicos que abordam) e qual o caminho que percorreram na religião (papel assumido atualmente). Pretende-se ser capaz de compreender as perspetivas dos entrevistados no sentido de dissociar a religião islâmica do ato terrorista/radical.</i></p>			6/17	Entrevistado 3	“Eu acho que se a religião é uma coisa que (...) desde que o ser humano se conhece (...) é uma língua universal. Portanto nós até podemos ser de religiões diferentes, mas se formos falar de fé parece que existe aquela conexão.”	
	2.1 Caminho Percorrido		3/11	Entrevistado 1	“The more you know, the more you say to yourself that you know nothing. Because a man learns as long as he lives.”	
		2.1.1 Iniciação		3/10	Entrevistado 4	“Converti-me ao Islão já alguns anos na sequência da minha formação; porque eu sou formado em Filosofia e tive a oportunidade de contactar com a filosofia islâmica e pronto, depois aprofundar os conhecimentos e converter-me ao Islão.”
		2.1.2 Escola da Comunidade Islâmica		1/2	Entrevistado 1	“That’s where I learned the basic things about religion. Well, the basics of the religion. I mean

					all the basic things which every Muslim needs to know: worshipping Allah, that there is no intermediate between you and God, that you mustn't worship God through worshipping statues and so on."
		2.1.3 Ser radical	2/5	Entrevistado 2	"(...) he is a learned man who has his own plans for serving Islam and his own earthly goals. The same goes for me. And there is no organization behind us that would gather us together. There is no such thing."
		2.1.4 Papel atual	4/17	Entrevistado 4	"Não houve aqui nenhuma (...) nenhum outro interesse que não fosse apenas esse. Portanto eu sou voluntário, não tenho qualquer tipo de remuneração na comunidade, nas horas que tenho livres pronto, como é o caso de hoje, estou aqui para servir a comunidade e é isso que tenho feito desde então."
		2.1.4.1 Divulgação da religião	3/5	Entrevistado 5	"É esta a minha ambição, que se vem mostrando e aumentando cada vez mais ao longo destes 15 ou 20 anos em que eu assumi esta função, e tenho participado em muitas conferências e muitas entrevistas, tanto televisivas como radiofônicas, para tentar falar e explicar que o que está a acontecer lá fora não tem nada a ver com a religião islâmica,"
		2.1.4.2 Função social	2/4	Entrevistado 4	"Portanto faço uma série de coisas aqui, trabalho muito na área social para acompanhar, visitando as famílias necessitadas que é um dos nossos âmbitos; visitando doentes; agora

					estamos também nesta frente de ajuda e apoio aos refugiados sírios que têm vindo (...)"
2.2 Prática da Religião			6/11	Testemunho escrito	"Para além da Palavra de Deus vertida no Alcorão, seguimos também os ensinamentos do Profeta Muhammad, que a Paz de Deus esteja com ele. Referiu ele de que a prática da religião é muito fácil e nenhum extremismo deverá interpor-se à mesma."
	2.2.1 Direitos		2/2	Entrevistado 4	"o meu objetivo como muçulmano, bem, não diria como muçulmano, mas como representante, como responsável pela comunidade muçulmana, é o de tentar que a comunidade muçulmana se sinta bem, e ao sentir-se bem que se sinta integrada, e ao sentir-se integrada que conheça quais são os seus direitos"
	2.2.2 Deveres		2/2	Entrevistado 4	"Os deveres são estes deveres que nós temos sociais e religiosos, este dever que nós temos de cumprir as obrigações religiosas de fazer as orações, de fazer o jejum, de cumprir com os cinco pilares, pelo menos os cinco pilares obrigatórios do Islão (...)"
2.3 Princípios Essenciais			5/21	Entrevistado 1	"Often a man can get strange thoughts in his head. And these thoughts can be corrected by The Book. You open it and see it's not like that. That is how it works in Islam."
	2.3.1 Cinco pilares		3/8	Entrevistado 3	"Então nós enquanto crentes, devemos valorizar aquilo que o deus nos dá."

		2.3.1.1 Shahada	2/2	Entrevistado 3	“Ler o Corão e saber que o deus é único, não é? Nesse caso o Allah. E temos o nosso profeta que é Maomé (Muhammad).”
		2.3.1.2 Salat	2/2	Entrevistado 3	“Rezar as 5 vezes ao dia, que é obrigatório (...)”
		2.3.1.3 Ramadão	2/3	Entrevistado 4	“E depois a terceira é, fazer jejum, como eu costume dizer, coloca-nos numa situação em que o nosso coração amolece em relação àquilo que nos envolve e portanto é uma forma de nós também refletirmos sobre a nossa condição muitas também de seres favorecidos e de seres que têm muita coisa relativamente a muita gente que não tem rigorosamente nada.”
		2.3.1.4 Zakat	2/2	Entrevistado 4	“Depois o quarto pilar é o Zakat, que é todos os muçulmanos são obrigados a dar 2,5 por cento dos seus rendimentos anuais, se tiverem capacidade financeira para isso, aos mais necessitados. Não precisamos de dar à Mesquita. Eu, por exemplo, se souber de uma família que passe dificuldades posso dar o meu Zakat diretamente a eles. A ideia é que eu tenho que dar, portanto, é uma obrigação se eu puder dar. Por exemplo, eu, no meu caso pessoal, sempre dei a ex-alunos meus, que não eram muçulmanos, mas pode ser muito bem a ideia de dar a muçulmanos, mas não tem necessariamente que ser a muçulmanos.”
		2.3.1.5 Ida a Meca	1/1	Entrevistado 4	“E depois o quinto pilar é a obrigatoriedade que todos os muçulmanos têm de, pelo menos uma vez na vida, irem a Meca, mais uma vez se

					tiverem condições financeira para isso. Por exemplo, eu nunca devo pedir nenhum crédito, nem dinheiro emprestado para ir a Meca. Eu devo fazer um esforço, durante a minha vida, para ir. Se não conseguir ir, nós costumamos dizer, entre os muçulmanos, e Deus ensinou-nos isso, que é tão válido aquele que vai como aquele que tem a intenção de ir.”
		2.3.2 Jihad	3/10	Entrevistado 4	“Por exemplo, o conceito de jihad de que falou há pouco, a explicação do conceito da jihad, jihad quer dizer esforço, é um esforço interno, digamos que é uma alteração, é uma modificação interior, do ponto de vista espiritual, que eu faço no sentido de estar mais próximo daquilo que é o caminho de Deus, isso é que é a jihad.”
		2.3.3 Dawa	2/2	Entrevistado 5	“Portanto, eles não eram obrigados a converter-se ao Islão, diz o Alcorão que não há compulsão na religião, ninguém pode obrigar ninguém a converter-se ao Islão, ainda que muitos o façam não é, porque essa pessoa ou quando foi obrigada a assumir uma certa religião ela não a vai cumprir, vai cumprir só para dizer que cumpriu, mas não, o que interessa é o que está dentro do seu coração, ele não pode ser obrigado a converter-se ao Islão.”
		2.3.4 Carácter	1/4	Entrevistado 5	“O nosso comportamento deve ser de tal maneira que ao nos comportarmos, ao nos relacionarmos com as pessoas, que as pessoas

					veem em nós o próprio Islão, isso é que é o mais importante.”
		2.3.5 Paz	1/2	Entrevistado 5	“O termo arábico “Silm” que é a palavra paz, e paz é um dos atributos de Deus.”
	2.4 Conceitos a Esclarecer	2.4.1 Suicídio	4/8	Entrevistado 5	“O suicídio é uma das coisas mais proibidas pela religião, pelas três religiões do livro e ainda mais no próprio livro do Alcorão. Nós, quando alguém se suicida, seja por que causa for, ou por uma causa verdadeira, uma causa como uma maluqueira, essa pessoa não tem direito a um funeral, essa pessoa vai ser enterrada como se fosse um pária, um que não tenha religião, ou qualquer coisa, portanto, só para ver o que é que para nós significa o suicídio.”
		2.4.2 Inocentes	2/6	Entrevistado 2	“Innocent is everyone who doesn’t attack Muslims.”
		2.4.3 Mártir	2/6	Entrevistado 2	“But you have to know who dies and what for. He has to be a Muslim, and he has to know what he is dying for. You can’t kill innocent people and be considered a martyr.”
		2.4.4 Descrentes	1/3	Entrevistado 4	“Depois, o Islão não advoga a violência; não quer dizer que o Alcorão não faça referência, por exemplo, aos descrentes, mas os descrentes são os descrentes contextualizados no Alcorão.”
		2.4.5 Conflitos	1/3	Entrevistado 4	“Portanto é importante nós conhecermos as diferenças que temos, uns em relação aos outros, e depois diz mais, diz que se quereis rivalizar uns com os outros, se quereis entrar em conflito, então rivalizai nas boas ações, porque é esse o propósito, é isso que Deus nos pede, que

					nós possamos disputar entre todos, mas quem faz mais bem do que o outro.”
		2.4.6 Hadiths	1/3	Entrevistado 4	“(…) há uma coisa que é engraçada, que é, que as pessoas não conhecem, nós para além de seguirmos o Alcorão nós seguimos uma coisa que são os Hadiths, e os Hadiths não são mais do que um conjunto de textos, e há milhares em todo o mundo, de aforismos, alguns com carácter ético, outros como recomendações apenas daquilo que é a vivência em comunidade, por exemplo, há milhares deles, que foram escritos pelos companheiros que viviam junto com o Profeta Muhammad.”
	2.5 Dissociação		6/37	Entrevistado 1	“This terrorism does not come out of Islam. The end. It does not exist in Islam. So, you have to separate people from Islam.”
		2.5.1 Ser contranatura	4/6	Entrevistado 1	“See how many scholars say that these things they do, blowing up people, theatres, running over women and children with cars... This is unnatural to be even connected to the religion, any religion. Isn't that so? Not to say, that it is unnatural to be connected to the genesis of humankind.”
		2.5.2 Geração mais jovem	1/2	Entrevistado 4	“O que eu tenho notado, e que é interessante, é que por exemplo, nas comunidades jovens, e eu vou a várias escolas também falar sobre isso, sobre o Islão e o terrorismo e outro tipo de fenómenos, os miúdos conseguem mais facilmente fazer essa distinção entre o Islão e o terrorismo.”

		2.5.3 Papel da comunidade islâmica	2/3	Entrevistado 3	“Eu acho que agora principalmente, a comunidade islâmica começa a ver que é importante não só lá de fora, mas começando por dentro, principalmente nas mesquitas, conversar com os fieis e tentar, mesmo que eles entendam de que ser muçulmano não significa ser terrorista.”
		2.5.4 Papel da política	4/6	Testemunho escrito	“A religião foi e continua a ser utilizada para justificar a supremacia e o poder. A inquisição e as cruzadas deixaram marcas.”
		2.5.5 Papel dos eruditos	3/6	Entrevistado 1	“To our boys I would say that they listen to the learned men, listen to the scholars, because this religion is not hidden. And to learn to respect the mistakes of the scholars.”
<p><b>3. Radicalização</b></p> <p><i>Como os participantes compreendem a radicalização (como a descrevem), o que percebem como fontes e meios para a radicalização, assim como as razões que levam os jovens a radicalizarem-se. É pretendido entender o papel do ocidente neste fenómeno. Também se aborda o tema do terrorismo, entendido como o ato extremo do radicalismo.</i></p>			3/7	Entrevistado 1	“You will become a person who is not radical, but a person who doesn’t want to know well, not that it doesn’t want to...but you can misunderstand greatly and you wouldn’t even be aware of it.”
	3.1 Causas	3.1.1 Exclusão social	4/8	Entrevistado 3	“Porque eu acho que muitas das vezes esses jovens que vão nesses países...enquanto aqui, considerando-me uma cidadã europeia, nós estamos a passar por uma situação de crise, crises sociais, crises financeiras, crises morais, não é?”
		3.1.1.1 Desemprego	1/1	Entrevistado 1	“However, when you show their videos, then some boys, who lack knowledge see them...what do kids do when they watch “Rambo” movies? What do they do? “Dad, buy me a gun. Dad, give me a gun.” They go out

					and play pretend. The same goes for boys who are young, feel left out from the society, are unemployed...if they are uneducated, unemployed, give them something to do.”
		3.1.1.2 Falta de educação	1/1	Entrevistado 1	“However, when you show their videos, then some boys, who lack knowledge see them...what do kids do when they watch “Rambo” movies? What do they do? “Dad, buy me a gun. Dad, give me a gun.” They go out and play pretend. The same goes for boys who are young, feel left out from the society, are unemployed...if they are uneducated, unemployed, give them something to do.”
		3.1.1.3 Discriminação e estigma	4/10	Entrevistado 4	“Quando há uma tentativa de proibir, perseguir tudo aquilo que é, por exemplo, islâmico, é natural, ou é compreensível, ainda que não seja obviamente aceitável, mas é compreensível, consegue-se entender que do outro lado haja sempre um comportamento de resistência. O comportamento de resistência quando surge, surge sempre também num nível que é um nível muito maior do que aquela que foi criada inicialmente.”
		3.1.2 Sentimento de desilusão	1/2	Entrevistado 1	“Tito taught us about “brotherhood and unity” and we were firm believers in that idea that it is impossible that our neighbor would raise his hands against us. However, we were disappointed, because that was precisely what happened.”

		3.1.2.1 Para com a comunidade islâmica	1/6	Entrevistado 1	“They imposed the religious practice the way they wanted it and the way their tradition of making money wants it. And they forced them out of the mosques. When they drove them out, the boys formed their own mosques, masjids at their homes.”
		3.1.2.2 Para com o ocidente	3/5	Entrevistado 2	“But what I want to say is that I think in Europe... how do I explain this... you can see how police is beating people on the streets. There are more and more demonstrations, uprisings, frauds, government changes and so on. This is the proof that something is not right.”
		a) Atitude preconceituosa	2/5	Entrevistado 2	“But the same, you see what happens when women go out into the streets, like in the West, you can see the mess.”
		b) Culpa	2/4	Entrevistado 1	“Look at Trump, the biggest terrorist that walks the Earth. He wants to ban Muslims to enter the USA. You love their money, but you won’t let them in... You are a terrorist, you produce terrorism with your politics.”
		c) Conceito de democracia	3/11	Entrevistado 5	“ortanto a democracia não foi feita, não foi feita, foi feita exclusivamente, não foi feita, vá lá, com cultura, com informação, foi feita exclusivamente.”
		d) Políticas bélicas	4/13	Testemunho escrito	“O Ocidente vem cometendo erros gravíssimos ao armar pessoas erradas para se revoltarem contra as chamadas ditaduras do médio oriente.”
		e) Discriminação nos meios de comunicação social	2/3	Entrevistado 4	“Os meios de comunicação social, muitas vezes de uma forma completamente esdruxula, tentam

					encontrar ali alguma forma de se tentar ligar os ataques terroristas sempre às comunidades islâmicas. E o tratamento que se dá a notícias semelhantes quando não são muçulmanos é absolutamente (...) quer dizer, é notório que há ali uma discriminação, não é?”
		3.1.3 Má interpretação do Islão	5/18	Entrevistado 4	“Ou seja, uma coisa é aquilo que é a mensagem de Deus e que está no Alcorão e outra coisa é aquilo que nós enquanto homens interpretamos, adulteramos, distorcemos, e portanto isso deve ser visto muitas vezes como, assim, essas pessoas distorcem a realidade.”
		3.1.4 Situação de guerra	3/5	Entrevistado 1	“Nowadays, there is a complete chaos there as I can see in the media. Superpowers are fighting there as well. Turkey entered Syria, Russia entered, the USA, and Saudi Arabia is entering, Qatar...this shows clearly, without a doubt, that these wars and ISIS, or corrupted interpretation of Islam best serves these people.”
		3.1.4.1 Sentimento de vingança	2/11	Entrevistado 2	“Someone can be persuaded even, or it can be a vengeance. Of course it can be. Because people are killed there, anything can happen, people can talk and think about anything, many things can exist there. You killed all of my close people, threw napalm from above, some bombs and the like, some kind of poison. And I now come to revenge myself to you and your family.”
		3.1.4.2 Sentimento de revolta	4/8	Entrevistado 3	“Se tu te sentires ameaçado ou sentires que aquilo que eu estou a transmitir vai contra

					<p>aquilo que tu acreditas...até porque muitas vezes eles utilizam a justificação de que “eu só estou a fazer isso porque me sinto ameaçado”, “porque tu no passado já mataste alguém, alguma família minha que estava no outro lado que...”, “vocês são ocidentais, ocidentais/americanos, é que são responsáveis por aquilo que está a acontecer com a nossa gente, com o nosso povo, com a nossa religião”.”</p>
		3.1.4.3 Impacto individual	1/5	Entrevistado 2	<p>“Well, I didn’t like the discord in oposition, disunity. I saw injustice done by the government...and what was going on. Besides that what the world can see, it was similar to what happened in Bosnia. They were raping Muslim women and killing them, slaughtering children and so on, throwing poison on people, unfair battle – planes combating automatic rifles.”</p>
		3.1.4.4 Na Síria	4/7	Entrevistado 1	<p>“Not true, because our Prophet predicted a common battle which will happen in Syria. This will be the battle where Christians and Muslims will fight together, against the same enemy.”</p>
		a) Papel assumido	2/4	Entrevistado 2	<p>“If I can’t help the people who suffer... what is the difference between that and let’s say when America and the European Union are helping Syria or Iraq? The difference is only in that their campaign was approved legally, and we allegedly go there illegally. But in reality, when they talk about it and when we talk about it, we</p>

					both go there on a humanitarian level, to help the suffering.”
		3.1.4.5 Na palestina	2/5	Testemunho escrito	“O território da Palestina vai desaparecendo à medida que são construídos novos colonatos. Os muçulmanos de todo o mundo sentem-se revoltados com esta situação.”
		3.1.4.6 Na Líbia	2/2	Testemunho escrito	“Uma revolução armada destituiu e matou Khadafi, com os aplausos da comunidade internacional porque era necessário acabar com a ditadura. Depois deste acontecimento sangrento e quando pensámos que a Líbia podia já sarar as feridas da guerra, eis que os conflitos se reacendem, devido agora aos outros movimentos mais radicais. É errado pensarmos que se substitui uma ditadura por uma democracia, derrubando o seu líder.”
		3.1.4.7 Na Nigéria	1/1	Testemunho escrito	“Na Nigéria, um grupo de revoltosos, descontentes com a corrupção dos governantes que conduzem as populações à miséria, criaram um movimento denominado “Boko Haram”. Pretendem criar aquilo que em África é hábito chamar-se de “zonas libertadas da humanidade”. No entanto, o referido movimento, para conseguir os seus intentos, vem cometendo atos terroristas contra as populações e agora com ameaças aos países vizinhos, nomeadamente o Chade. Boko Haram significa “proibir tudo o que é do ocidente”. Pretendem instituir a sharia através da força das

					armas e de brutalidades, para constituírem um estado islâmico.”
		3.1.4.8 No Iraque	1/3	Entrevistado 5	“O Saddam Hussein, sabia controlar, aquele ditador sabia controlar aquilo, mas eles atiraram o poder para a rua, fizeram com que aqueles grupos que estavam contra o Saddam, muitos grupos, começaram a lutar entre eles para tomar o poder. Então, ficou um caos por completo aquele país, e até hoje ainda continua um caos, porque há vários grupos que ainda não se entendem, querem todos meter a mão no poder.”
		3.1.5 Antecedentes violentos	1/4	Entrevistado 5	“Houve uma grande influência da internet nesses jovens que se radicalizaram e que tinham na sua mentalidade ainda o gene da violência. Uma pequena parte, mas essa pequena parte faz a diferença.”
	3.2 Meios	3.2.1 Meios de comunicação social	2/3	Entrevistado 3	“Eu acho que a comunicação social no fundo quer chamar a nossa atenção. Portanto com isso quer dizer que nem sempre contam a história como ela realmente é.”
		3.2.1.1 Desinformação	2/4	Entrevistado 1	“(…) because many misused this information. When Daily Mirror said that half of the village went, they lied.”
		3.2.1.2 Propaganda	3/8	Entrevistado 1	“As I have mentioned before, your promoting of theses people, talking about them daily, will inevitably generate rage in people. You will make your people the same radicals as these people are. Unconsciously. You will definitely create this.”

		3.2.1.3 Redes sociais	3/4	Entrevistado 4	“As redes sociais ocupam o lugar, digamos assim, que falta nessas comunidades. Estando em todo o lado, as redes sociais é muito mais fácil seduzir e manipular e recrutar.”
		3.2.2 Processo de recrutamento	3/17	Entrevistado 3	“Então muitos dos jovens que não têm objetivos nenhuns, encontram um meio atrativo para se sentirem alguém, para se sentirem uteis, sentirem alguma coisa por algo em que acreditam, mesmo que no fundo eles saibam que não é o caminho mais correto.”
		3.2.2.1 Mulher	3/4	Entrevistado 5	“Deste lado dizem que eles foram atraídos pelo Daesh pela publicidade que eles faziam, pelo que havia jovens europeus, de língua portuguesa, luso-franceses, que tinham programas na internet para atrair as raparigas. “Venham cá, casem-se connosco, olhem o nosso palácio é este, isto é uma casa boa, o que nós estamos a mandar, as informações, as pessoas a serem degoladas é tudo mentira, é só para fazer medo ao ocidente, para que o ocidente não nos venha atacar, a vida real é esta,” mostrando as mulheres a andarem livremente nos basares, a andarem nas lojas, a fazer compras, com uma vida alegre, as crianças muito sorridentes, palácios mesmo, que eles tomaram e assalto, “olha este é o palácio, se tu vieres para aqui vives aqui, podes encontrar um homem muçulmano para tu casares com ele, etc. etc., e esta parte também foi influenciada por isso. Mentiras, tudo mentiras. “

		3.2.2.2 No ocidente	2/5	Entrevistado 4	“Hoje em dia, obviamente temos (...) aliás uma das coisas que eu tenho notado é o seguinte, é que essas que pessoas têm sido recrutadas muitas delas, para além de haver esse vazio existencial, são pessoas isoladas, ou vivem em zonas em que a comunidade não é muito grande ou quando é muito grande, dentro dessa comunidade, elas estão quase que apartadas da comunidade.”
		3.2.2.3 No médio oriente, África	2/3	Entrevistado 3	“Normalmente isso... não sei se já ouviste falar do grupo Bucahara (não sei pronunciar bem o nome)... que, também como é óbvio com uma certa semelhança com a Europa, esses jovens querem procurar muitas vezes melhores condições de vida do que aqui, melhores do que aqui na Europa, porque lá quando eu entro nesses grupos eu tenho algo em termos monetários em troca do que ficar sem fazer nada.”
	3.3 Consequências	3.3.1 Terrorismo	5/15	Entrevistado 2	“Terrorism means that we terrorize someone, we maltreat someone, that we are destabilizing the society, environment, region.”
		3.3.1.1 Grupos terroristas	3/3	Entrevistado 1	“Could it be that these terrorist organizations immediately raise their hands and say “we did it” just to get free promotion? (...) I told you before, 90% of the times.”
		3.3.1.2 Terrorismo islâmico	5/9	Entrevistado 4	“(...) aquilo que esses homens fazem, que se intitulam de muçulmanos, não tem nada a ver com o Islão. Se o fazem devem ser considerados criminosos, como seria qualquer outra pessoa

					que o fizesse se não fosse muçulmano, portanto, é assim que nós os devemos considerar sempre.”
<p><b>4. Desradicalização</b></p> <p><i>Compreender como os entrevistados entendem o processo de desradicalização e o que pode apoiar este processo (diferentes formatos e estratégias). Nestas estratégias procura-se compreender qual o papel da religião nesta ação.</i></p>			3/13	Entrevistado 1	“Go and speak kindly to him’. Why? Because you have to listen to these people. Let them speak for themselves.
	4.1 Estratégias Possíveis	4.1.1 Normalização das rotinas	3/5	Entrevistado 1	“I think in prison one thing that can happen is something in their minds, because in prison a person has time to think. And if he comes out of the prison with some options, the...where to? Understand? In prison he has time, prison is the place to stop and think.”
		4.1.1.1 Acesso a emprego	2/6	Entrevistado 1	“You have to give him a job. You have to employ him in a company, so that he can busy his mind, take care of his wife and kids and work. The only way is to give him means to make a life, that he is not standing there with an empty mind.”
		4.1.1.2 Acesso a educação	3/5	Entrevistado 2	“Enable his kids to go to school, let him live a normal life, that he doesn’t feel humiliated in the country, and he will be on the same level as anyone else and there will be no problems.”
		4.1.2 Combater a discriminação	4/10	Entrevistado 3	“E acho também que por um lado, mais falando aqui em Portugal que falta muito, é termos representantes das mesquitas que vão para a comunicação social que eu acho que é uma forma mais próxima de quem não conhece a realidade islâmica, o que é normal, começar a perceber que só porque alguém veste uma burca ou que tenha um jalabi e que apareça na rua não

					significa que “oh meu deus é um terrorista” ou “vai-me fazer mal”. Não, não tem nada a ver!”
		4.1.3 Narrativa alternativa	5/7	Entrevistado 5	“O que pode levar a desradicalizar é alguém que lhe possa fazer a explicação do que é verdadeiramente a religião.”
		4.1.4 Manutenção do processo	1/1	Entrevistado 1	“When a person creates a thought in his mind without looking it through, the prism of the Quran and Sunnah, it is hard to get rid of it. Very hard. The only way is to keep him close to you and tell him ‘stop, turn right, slow down’.”
		4.1.5 Diálogo	3/7	Entrevistado 4	“Portanto, eu acho que esse é o grande perigo que nós temos a cometer, que estamos a caminhar para aí, e que só se consegue combater com discursos de interculturalidade, de interesse em conhecer as culturas que são diferentes da nossa, não só o Islão e outras, mas mais do que conhecer é integrar, abrir espaço para que elas de alguma forma se possam manifestar na sociedade portuguesa.”
		4.1.6 Papel da comunidade islâmica	3/5	Entrevistado 1	“Instead, listen to them ‘Tell me what you think, how do you see this’, and later on people who know Islam should talk to them.”
		4.1.6.1 Guias espirituais	2/4	Entrevistado 1	“And the second thing, spiritual mentors. That is our job.”
		4.1.6.2 Interpretação do Al Corão	3/8	Entrevistado 3	“Acho que sim, na forma como transmitimos a mensagem. Os imãs têm um papel fundamental para isso.”
		4.1.6.3 Atitudes de prevenção	2/2	Entrevistado 3	“E, eu não estou a dizer que temos de perder a fé com aqueles que estão desradicalizados, mas que nós podemos aprender com o que está a

					acontecer (...) então em vez de (...) não devemos só concentrar-nos naqueles que já estão radicalizados, mas tentar prevenir com aqueles que têm grande probabilidade de irem pelo mesmo caminho”
		4.1.6.4 Reação aos acontecimentos	3/5	Testemunho escrito	“Os líderes das comunidades islâmicas de todo o mundo condenam estes atos contrários à religião islâmica.”
		4.1.6.5 Acompanhamento nas prisões	1/2	Entrevistado 5	“O que nós fazemos já muito perto desta conversa, nós damos muito apoio aos presos, sejam eles de que tipo de presos sejam, se roubaram se fizeram um contrato de trabalho ilegais, se tiveram quaisquer problemas, se estão presos...há muitos muçulmanos presos também. Então nós, por exemplo, nós antes de começar o ramadão, nós escrevemos para os diretores das prisões e dizemos: “olhe, vai começar o ramadão, uma das questões que os muçulmanos que estão presos querem fazer é o ramadão, mas para fazer o ramadão têm de ter condições, deixá-los acordar de madrugada para poder comer e depois terem as refeições na devida hora para depois poderem quebrar o jejum”. E por outro lado também nós queremos distribuir bolachas, distribuir uma série de coisas para eles poderem comer e ter uma série de possibilidades. E os diretores das prisões, da maior parte delas responde afirmativamente e nós vamos lá, falamos com os jovens, entregamos as coisas”

		4.1.7 Terapias psicológicas	1/2	Entrevistado 5	“Eu penso primeiro, que esse jovem necessita de um tratamento psicológico, antes de ter um tratamento psicológico islâmico. Precisa de um tratamento psicológico e até psiquiátrico, antes da própria religião.”
	4.2 Obstáculos		2/2	Entrevistado 4	“Com uma transmissão daquilo que são os verdadeiros fundamentos do Islão, não é? Portanto. Claro que isso não é fácil e demora muito tempo.”
		4.2.1 Visão negativa da desradicalização	1/1	Entrevistado 2	“Now, after you returned from Syria and you were sentenced, would you say you are less radical now, deradicalized? ‘No, I don’t need to get away from Islam. I don’t need that, that is fighting against Islam.’”
		4.2.2 Percepção de ataque à religião	1/2	Entrevistado 1	“But when you approach him like the Pharaoh was approaching, with power and violence you will get a counter-effect, because the people will think it is an attack on Islam. This is a problem.”
		4.2.3 Incompreensão intercultural	4/7	Entrevistado 4	“Eu acho que só assim é que se consegue, porque senão estamos a criar espaços de balcanização, não é, de separação entre culturas que recusam, digamos assim, esse conhecimento.”
		4.2.4 Discriminação social	3/8	Entrevistado 1	“If someone is a terrorist – you are the terrorist... you see, when something happens in the world... pay attention. There is killing or something, and people don’t say let’s wait for the investigators or the prosecutor who could say if this deed can be qualified as terrorism.

				And if the suspect is some Abu, Dabu, Mabu, Labu, they say it's terrorism.”	
		4.2.4.1 Mensagem da comunicação social	3/7	Entrevistado 4	“Pois, os meios de comunicação são, digamos assim, entre aspas, entre muitas aspas, um dos grandes inimigos que nós temos, digamos assim, porque reforçam essa (...) esses preconceitos.”
		4.2.5 Possibilidade de recaída	1/1	Entrevistado 1	“I am sure...they never were deradicalized. I am sure that maybe a part of them, not a big part, would definitely return to the same roots. The same roots. Because there is this thinking... When a person creates a thought in his mind without looking it through, the prism of the Quran and Sunnah, it is hard to get rid of it. Very hard.”
		4.2.6 Medidas sobreprotetoras	1/3	Entrevistado 1	“You have to have certain boundaries. It means, you have to have a balance and assess the situation. You can't give a man a villa with a pool at once. He might think Allah helped him achieve this and think he has everything now and can enjoy.”
		4.2.7 Ideias enraizadas	3/4	Entrevistado 3	“Essa é a parte mais difícil. É como termos uma semente e estar a plantá-la, com um propósito e depois, imaginemos, chegar no meio desse percurso e decidir ‘afinal eu acho que não era bem isso que eu queria’.”
		4.2.8 Integração de grupos radicais	1/2	Entrevistado 4	“(…) depois estes grupos são grupos violentos e depois quando a pessoa quer sair, quer dizer não sai mais, não é? Depois há ali uma forma de controlo que é uma forma de controlo também

					ela violenta, de quem entra e depois não pode sair mais.”
	4.3 Facilitadores		2/4	Entrevistado 1	“See, they already hampered themselves in a way. Why? Because they are broken up, see how it all settled there, they appear in the media less and less...so there is no more of that fake fighting spirit left, which they got through those “Rambo” movies. And then they shriveled.”
		4.3.1 Visão positiva da desradicalização	1/2	Entrevistado 1	“Every man, even in your religion, should have a chance to repent for what they did. When you achieve this in a person – that he admits he was wrong and repents for it, you have succeeded.”
		4.3.2 Papel dos meios de comunicação	3/5	Entrevistado 5	“Ora bem, eu estou perfeitamente de acordo em que exista uma comunicação social aberta, a comunicação social aberta ajuda a desvendar, ajuda a resolver muitos problemas.”
		4.3.3 Motivação individual	1/2	Entrevistado 4	“É aquilo que lhe disse à pouco, que é, provavelmente, as pessoas depois acabam, alguns deles não é, por perceber que essa tal mensagem, esse tal discurso e esse tal ideário, na verdade não se concretiza, não é? E portanto, depois há um querer voltar ao início, às vezes é tarde porque depois estes grupos são grupos violentos e depois quando a pessoa quer sair, quer dizer não sai mais, não é?”
<b>5. Papel da Mulher Muçulmana</b> <i>Compreender as diferentes perspetivas sobre o papel da</i>			5/20	Testemunho escrito	“Outro exemplo muito evidente, o único país de maioria muçulmana que proíbe as mulheres de conduzir, é a Arábia Saudita. No entanto, no seu país vizinho, o Bahrein, as mulheres o fazem livremente. Outras muçulmanas não só

<i>mulher na temática da radicalização/desradicalização e da própria religião islâmica.</i>					conduzem automóveis como também são graduadas das forças armadas e pilotam caças F16. É o exemplo duma mulher dos Emiratos Árabes Unidos, major da força aérea, que participa na coligação que está a bombardear as posições dos que estão a desestabilizar o Iraque e a Síria, com o pretexto da criação de um estado islâmico.”
	5.1 Desigualdade de género		2/3	Entrevistado 2	“She is not equal, she is the weaker sex and we know that.”
	5.2 Direito ao trabalho		3/4	Entrevistado 5	“As mulheres na Arábia Saudita hoje já foram eleitas, há uns anos atrás, como vereadoras das freguesias, já são empresárias, grandes empresárias, já vêm à europa fazer compras e vendas, já são apresentadoras de televisão, já têm outro modo. A juventude é sempre um motor para estas coisas.”
	5.3 Direito à educação		3/4	Testemunho escrito	“Raptam raparigas estudantes, com o argumento de que o islão proíbe a educação das mulheres. Quando na realidade o islão estimula a educação tanto para os homens como para as mulheres. Se não fosse assim, como é que as mães se responsabilizariam pela educação dos filhos?”